

Milton Claro

# A Amazônia que não conhecemos

Obra publicada sob os auspícios da  
Ordem dos Servos de Maria  
e com o patrocínio do  
Banco da Amazônia  
e dos Correios

Distribuição gratuita

Este livro contém uma mensagem que a Amazônia gostaria de levar a todos os brasileiros. Depois que tiver lido, ajude a Amazônia, passando-o a outra pessoa. Assim, esta obra poderá cumprir melhor sua função.

Se você conhece alguém com interesse em receber diretamente um exemplar, basta escrever ou enviar um email para os Servos de Maria (veja na página seguinte) informando nome e endereço dessa pessoa.

Salvemos a Amazônia!

São Paulo

2007



Claro, Milton

A Amazônia que não conhecemos / Milton Claro. São Paulo : Ordem dos Servos de Maria, 2007

Patrocínio : Banco da Amazônia e Correios

ISBN: 978-85-907355-0-2

1. Amazônia – Condições econômicas 2. Amazônia – Condições sociais 3. Amazônia – População 4. Desenvolvimento sustentável – Amazônia 5. Florestas – Amazônia 6. Florestas – Proteção I. Título.

07-5818

CDD-981.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Habitantes da floresta : História 981.1  
2. Amazônidas : Floresta amazônica : História 981.1

Projeto gráfico: Telma Custódio

Capa e diagramação: Manuel Rebelato Miramontes

Revisão: Jaci Dantas de Oliveira

Impressão: Editora Salesiana



Edição:

Comunidade dos Servos de Maria de Sena Madureira  
Rua Avelino Chaves, 1312  
Cep: 69940-000 - Sena Madureira - Acre, BR  
Tels.: (68) 3612-3333 / 3612-2222 - Fax: (68) 3612-2200  
E-mail: florestateamo@gmail.com / florestateamo@uol.com  
Internet: www.servidimaria.org

## Índice



*Apresentações*



*Introdução*



*I – Iara, uma lenda*



*II – Sapo kampô*



*III – Meu vô imortal*



*IV – Escravo-amante*



*V – Escolas bilíngües no meio da floresta*



*VI – Dez dias que o Acre quer esquecer*



*VII – O Seringal Oriental e a entrevista que não houve*



*VIII – Morte anunciada*



*IX – A história de Judith*



*X – Senhor, eu queria uma luz*



*XI – O bebê de uma índia chamada Simone*



*XII – Toreiros da Amazônia*



*XIII – Luzes da cidade*



*XIV – Em visita ao Souza Araújo*

## Obrigado, obrigado...

Meu primeiro “obrigado!” é para Frei Heitor Turrini, um amigo de cinquenta anos, que, literalmente, me obrigou a escrever este livro – e, me agraciando com a tarefa, abriu para mim a oportunidade de me envolver profundamente com o povo maravilhoso da Amazônia. Foi uma comovida lição de brasilidade, que não tem preço.

Mas a jornada foi longa. No caminho, criei amizades, estreitei relacionamentos e me surpreendi com a genuína alegria das pessoas ao doarem para a causa da Amazônia seu tempo, suas habilitações, o produto do seu trabalho.

Obrigado!, Fr. Cláudio Avallone e Fr. Márcio Salvaro, tão preciosos nas entrevistas com os amazônidas e nas fotos que então fizeram. Obrigado!, Prof. Carlos Nobre pela dedicada revisão do tema aquecimento global. Obrigado!, Bruno Giovanetti e suas duas semanas inteiras no Acre fotografando para o livro. Obrigado!, Araquém Alcântara, Bruno Camelier, Bruno Filizola, Dino Tanoni, Fred Schiffer, Itamar Zanin, J.L. da Veiga Simão, João Luiz Bulcão, Leonardo Panatto, Monica Barroso, Raimundo Nonato, Ronaldo Salame e Silvestre Silva pelas belíssimas fotos cedidas para dar vida ao meu texto. Pelo apoio recebido, obrigado às organizações Amigos da Terra, Projeto Reça, Fundação Rede Amazônica e Agência de Comunicação Social do Amazonas.

Obrigado a todos os membros da Ordem dos Servos de Maria – deles recebi apoio e acompanhamento incondicionais. E um agradecimento especial a meus cinco filhos que me incentivaram e tiveram a paciência de fazer seguidas leituras críticas do trabalho.

Eu me estenderia infinitamente, se quisesse nomear cada pessoa que acabei envolvendo no projeto. Acho que fico fiel à verdade dizendo apenas obrigado – obrigado a todos os que amam a floresta e sua gente tão especial. A Amazônia depende deles para sua salvação.

## Apresentação

O tamanho da Amazônia engana os nossos sentidos. Costumamos vê-la como uma imensa dádiva vegetal, cenário de turismo paradisíaco, agora ameaçada em sua integridade pelo fogo e pela motosserra. Discutimos a quantidade do desmatamento, vemos com espanto a fumaça das queimadas ser claramente registrada pela câmera dos satélites, fazemos cálculos de quantas toneladas de gás carbônico a floresta se encarrega de eliminar para aliviar o efeito estufa – e freqüentemente nos esquecemos de que esse cenário tem atores de carne e osso que sofrem, cada um deles, os desmandos de que a floresta é vítima.

No ano em que a proposta da Campanha da Fraternidade é promover uma fraterna aproximação com nossos irmãos amazônidas, é com alegria que saúdo a publicação de um livro apresentando os problemas da floresta sob a densa ótica de seus próprios habitantes. São os heróis-indígenas, os heróis-seringueiros, os heróis-ribeirinhos, os heróis-colonos que exibem a Amazônia ferida, num silencioso pedido de socorro.

Que a mensagem deste livro possa contribuir para uma melhor compreensão dos problemas e anseios desses povos, gerando iniciativas concretas para o pleno exercício de suas cidadanias dentro de uma floresta respeitada o quanto merece.

Salvador, 1º de abril de 2007, Domingo de Ramos.

*Dom Geraldo Majella Agnelo*  
Cardeal Arcebispo de Salvador  
Presidente da C.N.B.B.

## Apresentação

Este livro apresenta de forma singular, porém contundente, a visão dos habitantes da floresta, suas aspirações, seu desejo de encontrar o difícil ponto de equilíbrio entre seu histórico papel de guardiães da floresta – da vida que esta encerra – os ditames de fazer chegar ao amazônida os benefícios da civilização moderna e do estado democrático de direito, principalmente saúde e educação de qualidade e um mínimo de conforto material. Compartilhamos todos das angústias dos amazônidas e os apoiamos em suas lutas.

É chegado o momento de um grande movimento para alterar radicalmente o paradigma de desenvolvimento da Amazônia dos últimos 40 anos, que já deu sobejamente evidências de sua saturação por não trazer reais benefícios para a vasta maioria dos amazônidas a um custo ambiental insustentável. É hora de criar as condições para a emergência de uma nova economia da floresta, que traga valor econômico à biodiversidade única da Amazônia.

Este novo modelo deve se basear no melhor conhecimento existente e a descobrir, numa junção cuidadosa dos conhecimentos tradicionais com o melhor da ciência e da tecnologia. A sociedade brasileira deve entender que há necessidade de investir maciçamente em ciência amazônica para traduzir a riqueza da biodiversidade em oportunidades econômicas para suas populações, que mantenham a floresta em pé, isto é, buscar alternativas econômicas viáveis e ambientalmente sustentáveis.

O eventual sucesso de um novo paradigma de desenvolvimento para a Amazônia não acontecerá, entretanto, sem um forte resgate cultural dos valores dos amazônidas e sua ligação com a floresta. Este livro traz importante contribuição para que melhor conheçamos estes valores.

*Carlos A Nobre*  
Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE  
Presidente do Programa Internacional da Biosfera-Atmosfera (IGBP) e  
autor do Quarto Relatório de Avaliação do IPCC  
Maio de 2007

*Por que havemos de nos odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades. O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos ...*

*Nossos conhecimentos nos fizeram céticos; nossa inteligência nos tornou empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos muito pouco. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura... Sem essas virtudes, a vida será de violência. E tudo será perdido.*

*(Charles Chaplin, no filme O Grande Ditador)*

*Sou filho dos antigos Yanomami, vivo na floresta onde viviam os meus antepassados e eu não digo a todos os brancos que descobri a floresta. Eu não digo: “Eu descobri esta terra porque meus olhos caíram sobre ela, portanto ela é minha!”. Ela existe desde sempre, antes de mim. Eu não digo: “Eu descobri o céu!”. Também não digo: “Eu descobri os peixes, eu descobri a caça!”.*

*Eles sempre estiveram lá, desde os primeiros tempos.*

*(Davi Kopenawa Yanomami, em depoimento recolhido por Bruce Albert)*

## Introdução

A Amazônia é habitada por gente de muito valor, que o resto do Brasil pouco conhece. E, quando conhece, não conhece bem. Seus habitantes, chamados amazônidas\*<sup>1</sup>, reúnem quatro etnias principais: indígenas<sup>2</sup>, colonos<sup>3</sup>, quilombolas<sup>4</sup> e migrantes<sup>5</sup>. Os colonos deram origem a dois sub-grupos diferenciados: os seringueiros e os ribeirinhos<sup>6</sup>.

Apesar dessa rica diversidade de origem, todos os povos têm um traço comum: sua luta pela preservação da floresta. E não é porque a floresta é bela, mas porque a vida de cada um está entrelaçada com a floresta, e esta lhes garante a subsistência. Eles só precisam da floresta para serem felizes.

A Amazônia brasileira tem 23 milhões de habitantes numa área de 5,2 milhões de quilômetros quadrados. Pouco mais de 4 habitantes por quilômetro quadrado, é a menor taxa de ocupação de todo o Brasil. O mundo quer que, sozinho, cada amazônida tome conta de 22 hectares de floresta, para preservá-la em benefício de todos os 6 bilhões e meio de habitantes da Terra.

Tarefa fácil? Não seria tão difícil se, além de cuidar da floresta, eles não precisassem também defendê-la contra a exploração descontrolada do solo, das madeiras, da fauna, das riquezas minerais.

Nesta luta estão também os governos dos estados que formam a Amazônia<sup>7</sup>, inúmeros organismos federais<sup>8</sup> e inúmeras entidades não-governamentais. E é pouco. A Amazônia precisa que cada brasileiro se sinta pessoalmente responsável por sua preservação, que cada brasileiro esteja disposto a dar a sua contribuição. Sejam os membros do legislativo, do executivo e do judiciário legislando, executando e julgando, sejam os eleitores exigindo, de voto na mão, providências urgentes de seus eleitos.

Mas a vida na Amazônia tece histórias interessantes, que retratam uma gente alegre, de grande amor pela natureza e com uma responsabilidade instintiva de preservação do meio ambiente.

As histórias que apresentamos são crônicas inspiradas em relatos e depoimentos, todos autênticos em suas essências, tomados com a ajuda dos Servos de Maria – missionários que realizam uma obra admirável no Acre.

\* Todas as notas de rodapé estão reunidas no final do livro.

Esperamos que este trabalho possa contribuir de alguma maneira para que o leitor entenda melhor esses irmãos queridos.

Em sua luta desigual em defesa da floresta, os habitantes da Amazônia precisam de todo apoio possível. E não é só isso. Cientistas do mundo todo hoje já concluem, alarmados, que salvar a Amazônia é apenas detalhe num quadro maior: a vida em todo o planeta está ameaçada pelo uso abusivo e indiscriminado que o homem faz dos recursos naturais – agredindo e violentando um delicado equilíbrio ecológico, cuja evolução a Natureza vinha administrando sabiamente há centenas de milhões de anos.

Ninguém se importa?

*O Autor*  
Fevereiro-março de 2007.



*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas de um povo heróico o brado retumbante,  
e o sol da Liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da Pátria nesse instante.*

## I – Iara, uma lenda

**A**s pessoas idealizam a Amazônia como um emaranhado de florestas e rios. E idealizam bem, porque a Amazônia é um emaranhado de florestas e rios! A vida do amazônida está intimamente ligada à mata que o abriga e a uma verdadeira malha de rios, riachos, lagos, igarapés<sup>9</sup> e igapós<sup>10</sup>, onde ele encontra alimento farto e fácil e que são as estradas que tem para o seu deslocamento. Essa ligação gerou forte submissão espiritual aos rios e à floresta, revelada por inúmeras lendas e superstições norteando o que ele faz, como faz e quando faz.

A fascinante Iara, a deusa das águas, é uma das principais figuras do lendário amazônico. De pele clara, longos cabelos e olhos azuis, Iara usa de sua beleza sensual e de um canto sedutor para atrair os jovens ribeirinhos para o fundo dos rios, com a promessa de eterna felicidade em seu palácio de cristal recoberto de ouro e pedras preciosas.

Nos fins de tarde, nos bares à beira dos cais, os pescadores contam histórias fantásticas de aparições da Iara – geralmente não acontecidas com eles mesmos, mas acontecidas com pessoas que eles conhecem muito bem, o que garante autenticidade ao fato. Dizem que quem lhe viu o delicado rosto uma vez, não esquece mais. Pode resistir ao primeiro encontro, mas é quase certo que, mais cedo ou mais tarde, acaba se atirando no rio, na busca inútil.

Naturalmente, essas histórias são sempre histórias parciais, contadas pelos que conseguiram resistir aos doces encantos da deusa metade mulher metade sereia. Porque os que cederam e talvez tenham provado as delícias prometidas, esses não voltaram mais...

Todos os pescadores acreditam firmemente nos poderes maléficos da bela e cruel Iara, e até evitam passar perto dos lugares onde consta que ela tenha sido vista, principalmente se a noite já estiver começando a cair.

Bem, todos os pescadores, não. Israel é pescador e não acredita na Iara. Ele acha que essas lendas todas são lendas mesmo, que a história do boto que engravida as moças foi inventada para acalmar maridos traídos e pais enganados, que não foi a cobra Norato que engravidou a índia da lenda da Boiúna, que a vitória régia não é a transformação de uma índia que se apaixonou pela lua, que curupira não existe, que não existem as amazonas, tidas como índias sem o seio direito para facilitar o manejo do arco. Israel é muito realista. Se não prova provado, ele não aceita, e provar provado, nunca ninguém lhe provou.

O que Israel é, é um bom pescador. Ele se orgulha de sair para pescar e voltar em dois dias com seiscentos quilos de peixe, enquanto outros pescadores são capazes de ficar acampados no rio dez dias sem trazer a metade. Não é sempre que isso acontece, mas quando não vai dar, ele também sabe. “É um sentimento”, ele conta na roda de pescadores. “Eu vou chegando num lugar e sinto quando é ali que tem peixe. Aí é só jogar a malhadeira e esperar.”

Também não é bem assim, só jogar a malhadeira e esperar. Ele joga a malhadeira no finzinho do dia e recolhe ao amanhecer. Mas durante a noite precisa ir dando uma olhada de vez em quando, porque as piranhas podem aparecer e comer os peixes que ficam presos nas malhas.

Israel é o bom pescador. Ama o rio e respeita o IBAMA. Ou respeita o IBAMA porque ama o rio. Só usa malhadeira de 8 para cima, que é para não pegar peixe pequeno. E em 15 de novembro começa a piracema<sup>11</sup>, os peixes estão ovados, aí ele pára de pescar até março. Quer dizer, ele não pode mais pescar para vender, mas pode pescar para o consumo da família<sup>12</sup>.



Israel, o bom pescador.



No geral, Israel é um pescador feliz. Só fica infeliz quando vê os grandes “geleiros”, barcos de pesca com vinte, trinta homens, fazendo o lance com malhadeiras de quinhentos metros de comprimento, trezentos de largo, e malha com medida fora da autorizada. Chegam, dão o lance e no mesmo dia voltam com vinte toneladas de peixe. Recolhem tudo, cobras, tracajás... Os peixes pequenos jogam de volta no rio, mas estes já não conseguem sobreviver.

Israel, o bom pescador, pesca sempre com seu pai, já aposentado, 18 anos de carteira do IBAMA. Nas cheias do rio, fica mais difícil, a pesca rende menos. Já na seca, quando o rio baixa e se formam lagoas e poças no meio da mata prendendo os peixes, dá para pescar até com a mão.

Essa é a parte do trabalho.

Às vezes, quando a tarde vai caindo, Israel gosta de pegar o barco sozinho e subir pelo rio devagar, saboreando a vista das margens, das árvores, entrevendo um animal aqui outro ali, sentindo o cheiro da mata no fim do dia (que é diferente do cheiro da mata ao amanhecer), ouvindo o chilrear ensurdecedor dos pássaros que se vão recolhendo.

Foi num desses passeios que, uma tarde, Israel de repente começou a perceber um canto lindo como nunca tinha ouvido antes. No começo era distante, foi aproximando-se, o canto foi ficando mais distinto e, curiosamente, parecia cada vez mais irreal.

Aí ele a viu. Languidamente sentada na margem do rio, recostada numa jacaréuba florida, vestindo apenas os longos cabelos que lhe escorriam até a cintura, a tez branca de leite, linda como um poema. A moça cantava com doçura e ergueu para Israel grandes e sonhadores olhos azuis.

Israel se sentia levitando. Tudo era muito doido, o que fazia uma menina tão linda e desvestida cantando sozinha na beira do rio? Israel se enterneceu. Embicou o barco para a margem, o coração disparado.

Ela parou de cantar, sorriu amorosamente para Israel, foi até o rio e mergulhou.

Israel mergulhou atrás.



Ao fundo, dois geleiros ancorados.

## Pesca predatória

Os rios da Amazônia sofrem o mesmo tipo de uso-abuso enfrentado pela floresta. Existe o usuário que tem fortes ligações com o lugar em que vive, e esse tem um respeito instintivo pelas árvores, pelas águas, por pássaros, animais e peixes.

E existe o usuário-predador, que não tem consciência do ciclo da vida. Este pode ser nativo da Amazônia, mas geralmente não é. Ele vê o rio copioso como uma oportunidade de arrebatar grandes quantidades de peixes, e faz isso enquanto pode. Se aquele ponto, ou aquele rio, passa a ser menos lucrativo porque ele dizimou parte da população piscícola, não tem importância. Ele vai procurar outro sítio, e assim por diante, deixando um rastro de destruição.

Isto não é sensacionalismo barato, é a realidade praticada pela maioria dos temidos “geleiros”, que pescam de arrastão com redes de malhas finas. Em pesquisa feita nos rios do Amazonas e do Pará, o IBAMA constatou sensível redução da população e do tamanho dos peixes — o que mostra que eles vêm sendo retirados dos rios cada vez mais cedo.

Não se pode proibir isto? Proibido, está. O IBAMA estabeleceu condições precisas de época de pesca e de tamanhos de malha, é a única coisa que pode fazer. A navegação de barcos nacionais é absolutamente livre nos rios brasileiros, e a fiscalização não dá conta de fiscalizar todo o peixe pescado.

Os ribeirinhos também se preocupam, não só porque o peixe para eles é vida, como porque eles têm orgulho da exuberância dos rios amazônicos, reconhecida no mundo todo – e vêem essa exuberância sendo predada. Como reação, desde a década de 70, várias comunidades de ribeirinhos – principalmente os chamados “varjeiros”, habitantes das várzeas –, se mobilizam para conter a pesca predatória. Um exemplo dessas ações foi a realizada por comunidades de Parintins, no médio Amazonas, que, por mais de dois anos, bloquearam a entrada do lago do Comprido, revezando-se na beira do canal para impedir o acesso a pesqueiros comerciais. “As pessoas trabalhavam de dia, passavam a noite sem dormir”, relata um dos participantes.

Esses verdadeiros “empates”<sup>13</sup> aquáticos acabaram resultando na criação, pelo IBAMA, do título de Agente Ambiental Voluntário. Os candidatos fazem um curso de preparação para a função de educador ambiental com vistas à preservação dos recursos naturais da região, e ao fim dele recebem embarcações a remo e motor.

Os 110.000 pescadores cadastrados, os amazônidas “das águas”, não param aí – estudam a exportação de peixes ornamentais recolhidos controladamente nos igarapés, durante as secas, o que pode vir a ser uma importante fonte de renda não-predatória.

E sabem que a Amazônia tem todas as condições para se tornar uma grande produtora de peixes em cativeiro. Eles estão seriamente empenhados nisso. Desde 2006, a Secretaria Especial da Aqüicultura<sup>14</sup> e Pesca está trabalhando três projetos para o cultivo do pirarucu, de peixes ornamentais e do jacaré, produtos com mercado internacional certo.

*Essa é mesmo a solução: o desenvolvimento de uma consciência de preservar para ter, uma consciência de que o Brasil é de cada um de nós, não é “do Governo” – porque o governo somos nós. Não há como ficarmos sentados esperando providências que devem ser tomadas, se podemos contribuir, arregaçando as mangas e fazendo a nossa parte, já.*

*Se o penhor dessa igualdade conseguimos conquistar com braço forte,  
em teu seio, ó Liberdade, desafia o nosso peito a própria morte!*

## II – Sapo kampô – esse delicado gigante da nossa biodiversidade

O município de Coari, às margens do rio Solimões, no Amazonas, está sofrendo um choque de desenvolvimento e gerando muita discussão, com a instalação do gasoduto para levar até Manaus o gás da bacia de Urucu<sup>15</sup>. Nos bares da cidade, onde os homens se encontram ao fim do dia, se a assunto não é o futebol do Grêmio Coariense, então é petróleo e o gasoduto de Urucu.



Não era diferente na mesa em que três amigos recepcionavam um engenheiro manauara<sup>16</sup>. A discussão seguia acesa sobre o bom e o mau de tanto progresso. Rodrigo era o mais falante, e discordava do engenheiro quando este dizia que o gasoduto era a melhor coisa que estava acontecendo para Coari; “que o progresso era irreversível, que a Amazônia não podia mais ser considerada uma coisa intocável deixando de gerar benefícios para os amazônidas e para o país como um todo” – nas palavras do próprio Presidente.

Rodrigo entendia, e discordava energeticamente: “Eu acho bom, mas não concordo que o povo coariense carregue nas costas todo o custo desse desenvolvimento! Veja você, seis anos atrás Coari tinha menos de 70 mil habitantes. Sabe quantos tem hoje? Mais de 85.000. A cidade está preparada? Tem esgoto? Tem escola? Tem médico pra atender todo mundo? O povo aumentou, os serviços públicos continuam os mesmos!”.

“Calma, Rodrigo, olha o coração!”. É alguém que entra e brinca com Rodrigo.

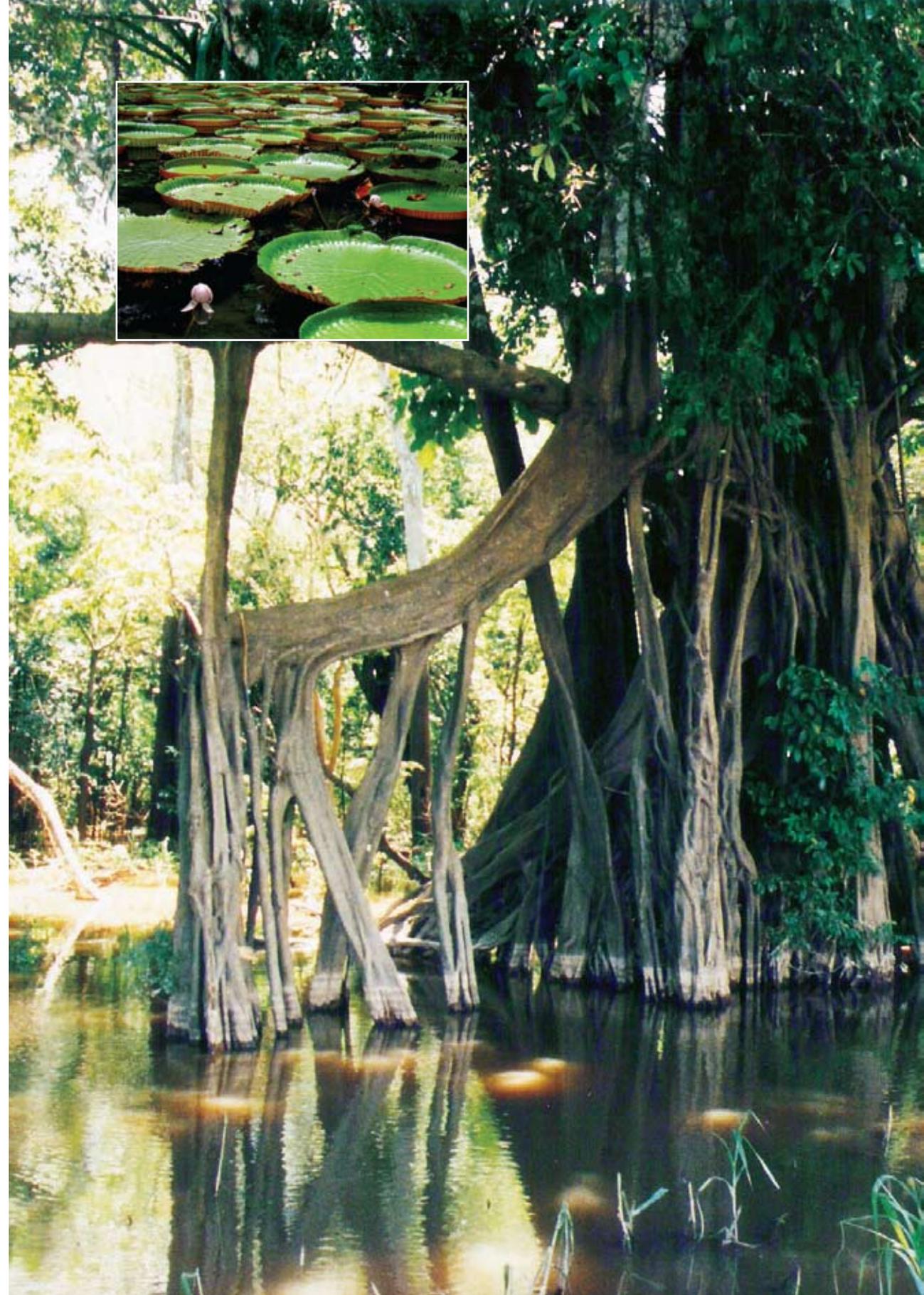
“Olhem só quem está aqui!, meu grande amigo o seringueiro Edmilson, ele conhece a Amazônia como gente grande! Sente aqui, chegue-se aos bons!”, saúda Rodrigo.

O seringueiro não se faz de rogado e entra na conversa. Ele tem opiniões muito firmes sobre a Amazônia: “Olhe, a pior coisa que tem é o pensamento radical. Ou tudo, ou nada. Ou oito, ou oitenta. E onde é que fica o 40, o 44, o 50? Eu acho que a gente precisa ver tudo com muita isenção e uma dose cavalariada de bom-senso. Os portugueses chegaram ao Brasil e foram trazendo a cultura e a tecnologia europeias para cá. Isso foi bom? Claro que foi. Abriram clareiras para criar vilas? Abriram. Quase acabaram com a Mata Atlântica, e isso foi um erro, mas durante séculos ninguém reclamou.

“O mundo todo foi sendo desmatado num tempo em que ninguém imaginava a importância das matas para a sobrevivência do homem neste planeta. Agora, sobrou quase que só a Amazônia, e não dá para acabar com ela também. Paciência. O mundo precisa dela para respirar, o Brasil idem. Então, temos que achar um meio de usar todos os recursos da Amazônia em benefício dos amazônidas e do Brasil todo, sem destruí-la. Petróleo, gás, minérios, a água – a água, que um dia vai valer mais do que petróleo –, vamos usar, mas vamos salvar a floresta, vamos acabar de vez com as derrubadas na floresta.”

Ao contrário de Rodrigo, o seringueiro falava firme mas sem elevar o tom de voz, até com uma expressão sorridente. Rodrigo concordava. O engenheiro, também.

O mais jovem do grupo era Sodré, de uma família de fazendeiros, e achou que o seringueiro se estava contradizendo: “O senhor não está sendo radical ao querer,



como diz, acabar de uma vez com o desmatamento? Isso não é o ‘oito ou oitenta’? A Amazônia tem 520 milhões de hectares – onde, os meus 50.000 hectares vão fazer a diferença?”.

Edmilson não respondeu. Voltou-se para o garçom e disse “Me veja aí um baralho. Novo”.

Abriu o baralho e, com muita habilidade, começou a montar um pequeno castelo de cartas. Todos estavam achando graça, mas não diziam nada. Só queriam ver onde ele iria chegar. Pronto o castelo, disse para o moço: “Agora, tire uma carta daí. Qualquer uma, de baixo, do meio, de cima”. O fazendeiro não aceitou o desafio: “Qualquer uma que eu tire, vai desmontar o castelo, tudo bem?”.

“Exatamente, meu jovem.” O seringueiro deu um piparote na carta do topo e o castelo desabou, como era de esperar. E continuou: “Um bioma<sup>17</sup> é um castelo assim. Você elimina um elemento, azara com todo o resto. Ano passado fui até os katukinas<sup>18</sup>, lá no alto do rio Gregório. E sabem por quê? Porque eu tinha ouvido no Seringal Guanabara que os manchineris<sup>19</sup> antigamente se curavam de tudo, desde panema e desânimo até mal da barriga, com a vacina do sapo kampô – e agora o sapo tinha desaparecido lá.

“Então, fui nos katukinas, onde ainda tem o kampô, ver como é que era. Para encurtar uma história comprida, fiz lá a vacina para experimentar. A reação foi imediata. Senti um calor subindo pelo corpo, fiquei tonto, vomitei vinte minutos sem parar, depois passou. A sensação ficou de um corpo mais leve, limpo. E desânimo eu não tinha mais, não!



Edmilson, seringueiro

“O que aconteceu no seringal Guanabara, o que acontece na Amazônia toda, é que a gente tira uma carta – só uma cartinha – e quer que o castelo continue igual. Não continua. Uma vez desmatado para agricultura ou para pasto, um único alqueire nunca mais volta a ser o que era.

“O castelo de cartas do bioma da Amazônia foi sendo formado durante milhões de anos. Cada verme, cada inseto, cada animal ou planta é um elo da cadeia. Se desaparece um, toda a cadeia – o castelo – se altera. Hoje, o nosso bioma compõe a maior riqueza florestal do mundo. Não existe em outro lugar tanta variedade de plantas medicinais, que os laboratórios precisam para

fazer os remédios de rótulo. Está tudo ainda praticamente virgem de ser descoberto, analisado e aplicado em benefício da humanidade. E é nosso”.

O engenheiro ouvia com a maior atenção. E voltou atrás, num comentário sobre o kampô: “Mas, ao que eu sei, a vacina do sapo é, de fato, um psicotrópico usado em rituais indígenas, não é?”.

“Eu acho que também é. Mas os cientistas estão levando muito a sério os relatos que receberam<sup>20</sup>. Já identificaram, na secreção do kampô, esse sapinho aliás tão simpático, além de propriedades antibióticas e de fortalecimento do sistema imunológico, dois poderosos princípios químicos: a dermorfina, um potente analgésico, e a deltorfina, usada no tratamento da isquemia.

Rodrigo aparteu. num tom de gracejo: “Pois eu ouvi que também cura panema, e é tiro e queda pra conseguir um amor. Como dizem os índios, ‘assim como a caça vem, a mulher também vem e nem sabe por que!’”

“É a pura verdade!”, assentiu o seringueiro com uma risada. E continuou: “Há muitas maneiras de gerar desenvolvimento sem precisar destruir nada. A natureza nos deu a floresta para a gente usar em nosso benefício. Não foi para transformar em carvão. Nem em pastos. Entre o oito e o oitenta, devemos procurar, sim, o 44. E tem muito 44 para a gente usar e desenvolver, e criar melhores condições de vida pra todos.”

Edmilson fez uma pausa. Estava um silêncio pesado, percebeu que tinha criado um certo clima de constrangimento. Não tinha importância, isso ele consertava. O importante é que já tinha plantado uma idéia na cabeça de cada um.

“Mas, gente, afinal viemos aqui pra conversar ou pra brindar a vitória do Grêmio Coariense ontem?”.

\*

*O kampô é bem o delicado símbolo da nossa biodiversidade. Um fantástico repositório de benesses a serem desvendadas que, na delicadeza de sua arquitetura, não resistem à fúria dos desmatamentos cegos, cuja única motivação é o lucro imediato.*



## O mundo precisa acordar para o aquecimento global

A humanidade ainda não entendeu o recado. Achamos, todos, que a Natureza tem uma capacidade infinita de se regenerar. Corta-se uma árvore aqui, mas de uma sementinha a Natureza gera outra árvore ali. Todo ano, quando acaba o verão, vem o outono, depois o inverno, depois a primavera e depois um novo verão, recomeçando um ciclo que não muda nunca. O sol renasce a cada dia, para voltar a nos aquecer. A água que consumimos retorna às nuvens na forma de vapor, abençoando-nos depois como novas chuvas. Os peixes e a caça se reproduzem continuamente. Pensamos: foi sempre assim, tudo igual. Por que haveria de mudar?

O problema é que *não foi sempre assim*. O problema é que *já está mudando*. A Natureza tem dado contínuas mostras de não suportar os maus-tratos que lhe impomos, e de que não consegue mais tomar conta do mundo sozinha. Entrega boa parte da responsabilidade para nós.

No entanto, é tão simples! Só não vemos porque não queremos ver. Há trinta anos as Nações Unidas já declaravam o Meio Ambiente e a Ecologia, isto é, o respeito à natureza, assuntos da maior prioridade (com isto, o Meio Ambiente e a Ecologia se alinhavam às três outras grandes prioridades da ONU – Paz, Direitos Humanos e Desenvolvimento com Igualdade). Mas o problema vem sendo “empurrado com

a barriga” por governantes e por governados, como se isso fosse problema da mãe Natureza – “ela que se vire”.

Ora, a Terra é envolvida por uma capa de ozônio, um gás que existe em pequenas quantidades, que absorve, na estratosfera, a maior parte da radiação ultravioleta recebida do Sol. Se chegasse à superfície do planeta, esta radiação seria fatal à vida, pois causa mutações genéticas. Por outro lado, vários gases, também em pequenas quantidades – o gás carbônico, o metano, o óxido nitroso, o próprio vapor d’água –, têm a propriedade de reter boa parte do calor recebido da superfície do planeta, mantendo, assim, a temperatura média em torno de 15 graus. É o chamado “efeito estufa”<sup>21</sup>. Sem este efeito natural, a temperatura à superfície seria de 18 graus negativos, toda a água estaria congelada e aqui seria impossível a vida como a conhecemos. Em 1977, havia sido descoberto no Pólo Sul uma falha, um buraco nessa camada de ozônio. Em meados da década de 80 já se podia ver que esse buraco estava sensivelmente aumentado.

Ao mesmo tempo, foi constatado nas últimas décadas um preocupante aumento na temperatura média do planeta. Acontece que os principais responsáveis por esse aumento são gases que a própria atividade humana lança em excesso na atmosfera, alterando o equilíbrio do efeito estufa natural: gás carbônico (liberado com a queima dos combustíveis fósseis – carvão mineral, petróleo e gás natural – e com as *queimadas* e os desmatamentos em geral), metano, óxido nitroso e também os gases CFCs (usados, no passado, em refrigeração e nas embalagens de aerossol).

Durante trinta anos, pouco se fez. Extremamente preocupadas com o problema, no início de 2007, as comunidades científicas, organizadas no Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), publicam um extenso relatório sobre aquecimento global e alterações climáticas, alertando para graves conseqüências muito em breve – se os cidadãos, as empresas e os governos não se unirem *imediatamente* em defesa do nosso planeta. O relatório é claro, e descreve um cenário pouco agradável: ainda no decorrer deste século, com o aumento da temperatura global causado pelo aumento do efeito estufa, o degelo dos pólos e a expansão térmica da água do mar vão fazer subir o nível dos oceanos e submergir regiões costeiras e ilhas oceânicas; as chuvas vão ficar mais escassas, a água potável idem, florestas tropicais darão lugar a cerrados pobres; cerrados vão virar desertos; fome, desnutrição e doenças, como a malária, afetarão dezenas de milhões de pessoas. A menos que se faça alguma coisa, *já*.

A Amazônia tem a mais rica e variada fauna e flora tropical. Se, por um lado, as queimadas da Amazônia têm sua parcela de responsabilidade na alteração do efeito estufa<sup>22</sup>, por outro lado a Amazônia desempenha um papel estabilizador importante



– é a maior área florestal contínua<sup>23</sup>, fazendo incansavelmente o trabalho de retirar gás carbônico da atmosfera.

*Desmatar a Amazônia significa diminuir a capacidade da floresta de fazer o seu trabalho. Mas o desmatamento é ainda mais grave, porque altera o equilíbrio ecológico da região, muda a cadeia alimentar, afeta os cursos de água, ameaça de extinção aves e animais. Ao lutar contra o desmatamento, os amazônidas sabem que estão lutando pela preservação da vida.*

### O temido panema

Existe uma superstição muito difundida entre os seringueiros, que é o medo de “ficar panema”. Quando isso acontece, a pessoa não consegue mais enxergar a caça, mesmo que esteja a dois passos de distância. E quando enxerga, não consegue acertar o tiro, por mais que firme na mira... É um azar duro de abandonar o caçador, e ele acaba ficando muito tempo sem comer carne de caça.

Para evitar o panema, os caçadores devem tomar inúmeros cuidados. Não devem, por exemplo, oferecer carne de caça a invejosos porque eles podem jogar os ossos do animal na privada, o que é um forte motivo para panemar. Nem devem permitir que mulheres grávidas ou menstruadas comam da sua caça.

O panema é curado com banhos, defumações e complicadas receitas de chás.

*Ó Pátria amada, idolatrada, salve! Salve!*

## III – Meu vô imortal

M

eu vô Eliezer era (ou é, depois eu explico) o pai de meu pai. Eles moravam num sítio no Bacuri da Bela Vista, e quando começou o enchimento da represa tiveram que entregar as terras. Ele recebeu uma indenização, e se mudou para Tucuruí com minha vó, meu pai e meus tios.

Todo mundo se acostumou com a cidade, menos ele. Não é que reclamasse, vô Eliezer foi a pessoa mais extraordinária, de mais alto astral que conheci. Para ele, tudo sempre estava bem, nas pessoas ele só via o lado positivo, não havia uma discussão entre os netos que ele não acalmasse com uma opinião sensata, logo aceita por todos. Mas se alguém mencionasse o Bacuri, seus olhos adquiriam um brilho que não me enganava.



Muito extrovertido, dinâmico e amoroso, ele era a alma da casa. Tinha um genuíno interesse pelos problemas de cada um e, assim, com cada um estabelecia uma intimidade de confidente-confessor. Sempre dizia que eu era o xodó dele.

Acho, mesmo, que tínhamos um relacionamento todo especial. Conversando comigo, muitas vezes ele trocava aquele modo seguro, confiante, e se punha a repassar a vida no sítio do Bacuri num tom quase-triste, quase-melancólico e cheio de amor pelas terras que as águas engoliram. Nunca vi que ele falasse do Bacuri aos outros. Eu sempre me senti muito superiora a meus irmãos, por ser a confidente nessas conversas que brotavam do fundo do coração.

Uma vez, uma única vez, ele falou da venda das terras para a hidrelétrica. “Sabe, Titinha” (meu nome é Julieta, mas ele me chama de Titinha), “quando os homens da hidrelétrica chegaram lá pra fazer o cadastramento da propriedade, que a gente tinha que sair porque ia alagar tudo, fiquei muito sentido, mesmo, porque eu nasci naquele sítio, e meu pai também tinha nascido lá – e eu nunca tinha imaginado um mundo diferente. Cada árvore, cada animal de caça, eu conhecia um por um, só faltava eu dar nome pra eles. Tinha maracanã que eu conhecia pelo grito que dava, imitando o chocalho dos maracás. Tinha um curió que todo dia cantava lindo como o que, e nunca, nunca repetiu o mesmo canto. A roça que a gente plantava, eu seguia o crescer de cada plantinha, e ali ficava tão claro como a vida é rica e maravilhosa.

“Apesar disso, eu pensei que o mundo não era de minha propriedade, que o progresso ia trazer benefício pro povo todo, e que eu tinha, mesmo, era ver que as coisas estavam mudando e eu tinha que mudar também. Por isso, não briguei nem resisti. Sua avó, consultei, por respeito, já sabendo que ela apoiava todas as minhas decisões. Assim, a gente fechou, não um capítulo só, mas todo um livro de uma vida – e veio abrir outro livro aqui em Tucuruí.”

Esse era (ou é) meu vô Eliezer. Os anos passavam, ele não mudava em nada. Era sempre a luz, o brilho de nossa casa e o destaque natural nas festas e reuniões de que participava. “Titinha, você ouça sempre mais do que fale, e pergunte sempre o porquê das coisas. Nunca deixe nada pela metade. As pessoas se preocupam mais em falar do que em ouvir, e nunca têm humildade suficiente para perguntar ‘por quê?’. Por isso continuam sempre tão burras.” É, ele não tinha meios-termos.

Uma tarde, voltando da Faculdade, eu o encontrei de poucas palavras, um ar triste. “O Vozinho o que é que tem?”. Estávamos sós na sala. Ele assumiu aquele tom das nossas confidências, e desabafou: “Vim do velório do Roberto Siqueira, o diretor do colégio. 52 anos, quem diria, se enfartou. Sabe, Titinha, já fui a muito velório na vida. E acho o velório uma grande safadeza com o morto. Em vida, as pessoas são respeitadas, são batalhadoras como todos nós, trocam idéias, discutem seus sonhos,



cada uma desempenhando com muita segurança o seu papel no Grande Teatro. De repente, você vê elas ali esticadas, inermes, derrotadas, surdas e mudas – varridas para as coxias para não atrapalhar o seguimento da Peça. Até ontem, a imagem que eu tinha do Roberto era a de um homem vivaz, de rara inteligência e sensibilidade, uma companhia que você sempre aguardava com prazer. Mas fui obrigado a trocar essa imagem pela imagem da derrota definitiva”. Fez uma pequena pausa. “Eu acho velórios, mesmo, uma grande safadeza”.

Não tive o que dizer, nem ele esperava. Ficamos em silêncio os dois, até que alguém entrou e o assunto se encerrou naturalmente.

Há dois anos, vô Eliezer decidiu viajar. Seu corpinho já acusava o peso dos anos, mas a cabeça era a mesma, cheia de luz. Disse que ia a Manaus, em visita a amigos seus. Meu pai estranhou, entretanto nunca discordara do vô Eliezer, não ia ser desta vez. Na hora em que ele se despediu de todos para partir, seu olhar me pareceu mais doce, seu abraço mais apertado e o beijo que depositou em minha fronte pareceu mais cálido. No momento, achei que era só impressão.

O fato é que vô Eliezer nunca mais voltou. Ligava de vez em quando, e cada vez mais escassamente, nunca deixava claro de onde estava falando. Agora, já faz mais de meio ano que não temos notícias.

A família e os amigos não entendem o afastamento desse homem, tão cheio de vida e amor, sempre sorridente, alegre e comunicativo.

Quanto a mim, acho que ele simplesmente retornou de vez para o seu sítio do Bacuri, coberto pelas águas do grande lago.



### Na natureza tudo se transforma, mas tem um preço

A eletricidade é bem um símbolo do progresso material da humanidade. Depois de entendida e domada no fim do século XIX, passou a ser um elemento indispensável ao bem-estar de todos. Hoje, ela é gerada de muitas maneiras, sendo a forma mais econômica o represamento dos rios para que a água, sob pressão, movimente os geradores. Isto significa que tanto as pequenas usinas de força como as gigantescas hidrelétricas provocam alagamentos – quanto maiores os alagamentos, maiores os danos ambientais.

A região amazônica não é montanhosa, de sorte que qualquer represamento já invade uma área grande. Para conseguir um desnível de 74 metros, a hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, precisou alagar 2.875 quilômetros quadrados de floresta, criando o segundo maior lago artificial do país<sup>24</sup>, deslocando 32.000 famílias e violentando todo o ecossistema da região.

Os ambientalistas não concordam em pagar esse preço por algo que se poderia alcançar de outra forma, e que fica sujeito a erros muito sérios. Erros como a própria construção da hidrelétrica de Balbina, no Amazonas, a 150 quilômetros de Manaus: um alagamento de 2.360 quilômetros quadrados, maior que as áreas somadas de São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba; um alagamento que matou milhares de animais, deslocou ribeirinhos, colonos e toda a tribo dos waimiris-atroaris, para resultar numa capacidade máxima de geração de 250 MW<sup>25</sup> (nível que, aliás, só é atingido durante quatro meses por ano). A energia gerada não chega a resolver nem as necessidades da capital do Estado.

A Amazônia tem fartura de água, sim, mas só tem água porque tem a floresta. Se continuarmos destruindo a floresta para criar grandes lagos, acabaremos sem floresta e com uma bela malha de lagos secos.

Até agora, 80% da energia gerada no Brasil é de origem hidráulica. Pois no mundo todo, as fontes de energia são bem outras: no mundo, 40% da energia é gerada a partir de petróleo, 25% a partir de carvão, 20% a partir de gás natural, 5% a partir de geradores nucleares e apenas 7% a partir de água, como no Brasil.

Se outras regiões do país já estão próximas de esgotar as possibilidades de geração de energia hidráulica, será natural buscarmos novas fontes, ainda que a custo maior, sem destruir a floresta. O sistema consumidor sempre se adapta aos novos preços. Há 30 anos o barril de petróleo não custava menos de 4 dólares? Hoje custa 60.

Sempre há outras fontes a considerar, certamente não tão espetaculares como uma gigantesca hidrelétrica, mas com uma relação custo-benefício muito favorável – como as PCHs<sup>26</sup>, pequenas centrais hidrelétricas, alagando, cada uma, no máximo 3 quilômetros quadrados, e que são objeto do Programa PCH-COM da Eletrobrás.

Na verdade, o problema nem é tão simples. Já não é mais uma mera questão de opção. A Amazônia é uma dádiva da Natureza ao Brasil, e o Brasil e o resto do mundo dependem dela. (Veja, no capítulo II, a matéria “O mundo precisa acordar para o aquecimento global”).

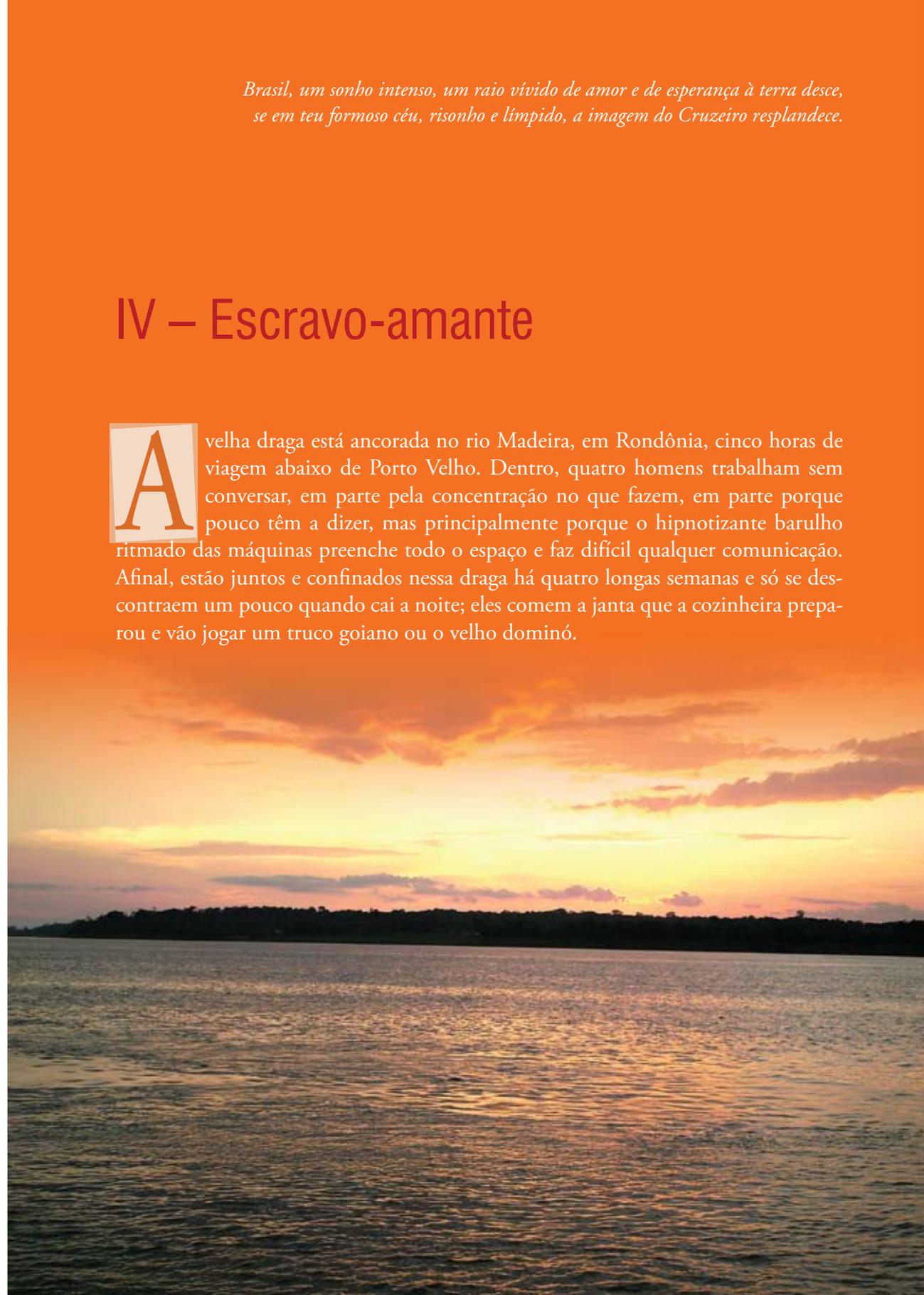
Por isso, a instalação de novas hidrelétricas na Amazônia precisa ser cuidadosamente pensada – em termos de custo-benefício, sim, mas também em termos de benefício-agressão ambiental. As usinas Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira, alagariam 520 quilômetros quadrados, e a usina Belo Monte, que seria apenas a primeira de *um conjunto de cinco hidrelétricas* previstas para o rio Xingu, sozinha, alagaria 1.200 quilômetros quadrados.

Nos empates de Chico Mendes, seringueiros abraçavam cada árvore para evitar a derrubada dos seringais. *Agora, o Brasil todo precisa montar um abraço protetor em torno da floresta inteira, que ainda continua seriamente ameaçada.*

*Brasil, um sonho intenso, um raio vívido de amor e de esperança à terra desce,  
se em teu formoso céu, risonho e límpido, a imagem do Cruzeiro resplandece.*

## IV – Escravo-amante

**A** velha draga está ancorada no rio Madeira, em Rondônia, cinco horas de viagem abaixo de Porto Velho. Dentro, quatro homens trabalham sem conversar, em parte pela concentração no que fazem, em parte porque pouco têm a dizer, mas principalmente porque o hipnotizante barulho ritmado das máquinas preenche todo o espaço e faz difícil qualquer comunicação. Afinal, estão juntos e confinados nessa draga há quatro longas semanas e só se descontraem um pouco quando cai a noite; eles comem a janta que a cozinheira preparou e vão jogar um truco goiano ou o velho dominó.



Bem, isso é o que acontece nos dias normais, nessa draga de garimpo do ouro. Hoje não é um dia normal. Paulo Gomes de Andrade, um velho garimpeiro da equipe, está tenso porque o novato Bentão lhe faltou ao respeito logo pela manhã. Bentão é um caboclo despachado, simpático e comunicativo, moleque ainda, que largou o garimpo da cassiterita em Ariqueme e estava se aventurando então no garimpo do ouro. Era sua primeira viagem, e não se cansava de questionar o modo como o trabalho era feito na balsa. Incrível que, na sua simpatia, conseguisse ser tão arrogante. Paulo e os outros, do alto de seus quinze, vinte anos de garimpo, ou deixavam passar as provocações ou pacientemente explicavam por que as coisas são como são.

Mas, nessa manhã, quando Paulo fazia um comentário desanimado para o operador-chefe, Bentão achou de se intrometer na conversa e dizer que quem não tinha entusiasmo (não foi bem essa palavra que ele usou) pelo garimpo devia ficar em terra colhendo castanha. Isso era uma decidida provocação, e o velho garimpeiro ainda não sabia o que iria fazer no fim do dia, quando acabasse o turno de trabalho.

Enquanto pensava assim, seu olhar distraído acompanhava a água barrenta que a draga bombeava do fundo do rio e lançava sobre o carpete das caixas de recepção. O bombeamento tinha sido iniciado na véspera, daqui a pouco seria hora de começar a despesca: tirar os carpetes, sacudir bem tudo no tanque e deixar quieto um dia inteiro para a lama depositar no fundo. Amanhã, vai ser botar numa centrífuga a lama mais o mercúrio e um pouco de sabão em pó – o ouro gruda no mercúrio e forma uma massa homogênea, o amálgama prateado. Então, é só colocar no cadinho e tocar o maçarico em cima para fazer evaporar o mercúrio, até o amálgama amarelar e oferecer a visão muito erótica do ouro limpo. Esse será o grande momento de ver quanto ouro resultou do trabalho de mais de 20 horas seguidas. Oitenta por cento vão para o dono da draga, os vinte por cento restantes serão divididos igualmente pelos quatro garimpeiros.

O dia de trabalho acabou, a lama, prenhe de ouro (assim esperam), está sedimentando no tanque, agora é só aguardar. O sol já se põe atrás da primeira curva do rio. Estão todos fisicamente relaxados. Entretanto, a eterna ansiedade do jogo se instala no peito de cada um e vai durar até saberem o resultado da despesca.

Depois do trabalho, todos sempre vão comer e cavaquear um pouco ou jogar. Paulo não quis esperar a janta. Era a hora de passar a limpo a insolência do novato, para o próprio bem dele.

Chamou Bentão para um canto da draga: “Vem cá, meu menino, quero lhe contar uma história”. Bentão não se fez de rogado, até gracejou: “Uma boa história, é mesmo isso que estou precisando agora!”.



Posto fluvial de abastecimento.

O garimpeiro começou: “Veja, tenho 42 anos e com 19 entrei nos garimpos. Na cidade era difícil encontrar trabalho, aí eu e meus companheiros começamos tirando o ouro do rio porque não tinha coisa melhor pra fazer. Nunca mais consegui largar. Nem quis. Depois que você começa, o garimpo entra no sangue, a gente não se livra mais.

“A gente se acostuma a ganhar até mil reais por dia... nem sempre é assim, mas você vê o dinheiro que entra no bolso e, no começo, fica tão louco que não sabe nem como gastar. Muito garimpeiro vive no maior apereio por falta de dinheiro porque assim que ganha gasta, e tudo em bobagens.

“Perto dos garimpos tem sempre os botecos que vendem aquelas besteiras que a gente precisa: chinelos, roupas de trabalho e muita cachaça. Uma boa parte do que a gente ganha vai pros donos das vendas. Outra grande parte vai pras mulheres, que não são as nossas. E, assim, muitos deixam o garimpo e voltam a trabalhar a roça porque acabam devendo pra venda, pro patrão ou pros dois, e então o jeito é largar tudo e desaparecer.

“A vida de escravo-amante do ouro é uma vida de muita solidão. Quando chega a saudade, a gente pensa: ‘vou embora, volto para casa’. Depois pensa: ‘onde vou trabalhar? O ouro está aí, no rio, amanhã posso achar um bom lugar’... e cai na cachaça pra passar a tristeza. Eu também gastava tudo em besteiras. Muita cachaça, relógios, aparelhos de som... depois me casei, tive o primeiro filho e passei a pensar mais no futuro da família.”

Fez uma pequena pausa, o olhar distante como reavaliando toda uma vida, e concluiu, meio-tom abaixo, quase para si mesmo: “Mas nunca vi um garimpeiro ficar rico e feliz”.

Fez uma pequena pausa, o olhar distante como reavaliando toda uma vida, e concluiu, meio-tom abaixo, quase para si mesmo: “Mas nunca vi um garimpeiro ficar rico e feliz”.

Voltando a fitar o moço, retomou a firmeza da voz, em justificativa: “A gente não larga, porque sabe que na cidade, sem estudo, se conseguir arrumar um trabalho, vai ganhar quanto? Trezentos, trezentos e cinquenta reais. Se tivesse um grau superior, poderia chegar a ganhar até mais, mas nunca chegaria perto do que se ganha no garimpo. Bem, nem sempre se consegue o ouro. Às vezes se passa semanas indo com a draga pra cima e pra baixo, procurando sem achar nada. Mas o rio Madeira ainda tem muito e muito ouro, está aí, é só encontrar e puxar ele.

“Agora a gente já passou um mês no rio, amanhã volta pra cidade pra descansar uma semana e ficar com a família. Você pode chegar com todo o ouro que quiser,

mas a família vai quebrando. A mulher se cansa, não quer ficar todo este tempo sozinha e você também, depois de todo o tempo que passa longe, perde a afeição. Esta com quem vivo é a segunda mulher. Tive com ela mais três filhos. Tem companheiros que se juntaram pela quarta ou quinta vez. Família para o garimpeiro é como o garimpo, até que dá a gente fica, depois passa pra outro. É uma vida difícil.

“Eu lhe digo isto, porque você pensa que garimpar ouro é o mesmo que garimpar cassiterita. Não é. Ouro é ouro. Ouro é como jogo. Ele lhe atrai e lhe escraviza. Então, garimpar o ouro é uma paixão. Você está começando agora. Pense bem se não prefere continuar com a cassiterita. Aqui não tem volta.”

Era isso. Tendo dito o que queria, postou-se em silêncio.

O outro permaneceu calado. Continuava fitando o companheiro, agora com profundo respeito. Tinha tomado sua decisão. Em silêncio, validando já uma amizade tutelada pelo ouro, os dois se dirigiram para a pequena mesa onde a janta estava servida.





### Ouro que mata

A Amazônia é mesmo uma região de superlativos. É rica em água, é rica em florestas, tem a fauna e a flora mais exuberantes do planeta. Suas reservas de minérios são fantásticas: a de ferro é uma das maiores do mundo; a de manganês, usado na produção de aços especiais, faz do Brasil o segundo maior produtor; em bauxita (de onde se separa o alumínio) somos o terceiro maior produtor; são enormes as reservas de nióbio, essencial para a indústria siderúrgica (aliás, a maior reserva do mundo está em Minas Gerais). No petróleo, a bacia petrolífera da Amazônia não só é a terceira maior em produção no Brasil, como tem o óleo de melhor qualidade. A Amazônia tem, ainda, a segunda maior reserva de gás do país; e tem cassiterita; e tem cobre.

E enormes, irresistíveis jazidas de ouro, que alimentam os sonhos de 300.000 garimpeiros.

Mas o ouro é um metal definitivo, de contrastes. Não entende meios-termos. Ou constrói uma cidade, ou constrói uma cratera. Enriquece, ou escraviza. Embeleza, ou mata. Se de um lado fez Ouro Preto, a antiga Vila Rica das Minas Gerais, por outro lado fez, no Pará, O Grande Buraco de Serra Pelada. Enriquece e embeleza. Mas escraviza e mata.

A história do garimpo do ouro no Brasil é uma história de sagas memoráveis, que cobram um alto preço em vidas e em agressão ao meio ambiente. Isto porque o mercúrio, ou *azougue*, usado pelos garimpeiros num processo barato para separar o ouro da lama que vem do fundo dos rios<sup>27</sup>, é um metal altamente tóxico.

No tratamento do amálgama para a separação do ouro, o mercúrio que se vaporiza é respirado pelos garimpeiros e vai provocando uma intoxicação lenta mas irreversível. Além disso, na limpeza das dragas e dos utensílios usados, resíduos de mercúrio acabam contaminando as águas, a flora e os peixes.

No homem, a contínua intoxicação mercurial conduz a sério comprometimento do sistema nervoso ocasionando distúrbios de motricidade: tremores e dificuldades de coordenação motora, chegando a comprometimento da audição e da visão, e até à morte.

A flora sofre alterações genéticas, ainda não suficientemente estudadas.

De seu lado, os peixes contaminados, transformados em vetores da intoxicação, quando consumidos sujeitam gestantes a danos neurológicos ainda mais graves – podendo levar ao aborto e ao nascimento de crianças com microcefalia e retardamento mental.

*Esse é o mercúrio. Parceiro quase inseparável do ouro. A morte no caminho do sonho. Verdade que os garimpeiros relutam em aceitar.*

### Brasília, no Acre

Na margem esquerda do rio Acre, na fronteira com a Bolívia, a 230 quilômetros de Rio Branco, em 1910 foi criado um vilarejo que recebeu o nome de Brasília. Em 1912, Brasília passou à categoria de vila e, em 1938, virou cidade, sede de município, embora só no ano seguinte se instalasse ali uma prefeitura.

Essa era a Brasília do então Território do Acre, unidade sob jurisdição direta do governo federal. Em 1943, o governo federal mudou o nome do município de Brasília para Brasiléia –sugestiva composição de Brasil e hiléia, numa referência à denominação de hiléia amazônica dada à região pelo naturalista alemão Humboldt.

A mudança do nome de Brasília para Brasiléia nada teve a ver com a criação da futura capital federal, Brasília, que aconteceria em 1960 (O Território do Acre foi elevado à condição de Estado em 1962).



*Gigante pela própria natureza, és belo, és forte,  
impávido colosso, e o teu futuro espelha essa grandeza.*

## V – Escolas bilíngües. No meio da floresta

**O** jovem índio olhou o relógio. São três e meia, tem ainda tempo mas gostaria de poder chegar com bastante antecedência – o que já não vai acontecer. De novo, o que não é incomum na cidade, encontrara no caminho um indígena apoiando-se numa parede, visivelmente bêbado. Isso o irritava sempre muito, mesmo que o homem não fosse da sua etnia, e nunca era. Entretanto, era um silvícola como ele, e sentia que laços invisíveis os uniam. Como das outras vezes, parou, conversou com o pobre homem, aconselhou, ofereceu-se para acompanhá-lo de volta para casa. Como das outras vezes, seu oferecimento foi recusado.

Agora, segue seu caminho para o campus da Universidade Federal do Acre em Sena Madureira, onde vai ser entrevistado por uma equipe de reportagem de tevê. O assunto são as escolas indígenas que se implantam no meio da floresta, e que são elogiadas por uns e, por outros, consideradas uma invasão indevida.

João Bernardo, Kaxinawá de sobrenome, tem muito orgulho de sua raça – *sua etnia*, como ele fala. No trato com os *nawabus*, os brancos, é bastante reservado, e até tímido. Não, porém, quando se trata de falar da sua gente e, principalmente, daquilo que ele faz: ele estuda e ensina com gosto. Já imaginou as perguntas que podem vir, e pensou bem nas respostas que vai dar. *Por que escolas ensinando o português nas aldeias perdidas na mata?* Ele vai dizer: “Porque nosso ensino é diferenciado, nosso trabalho se abre é com o direito da nossa língua, tem português e tem língua indígena. Ela se chama *hatxa-kui*, língua verdadeira. Nós não podemos perder a nossa língua. Nós temos o direito dos nossos povos, nossos filhos têm que ensinar nossa língua”.

E se insistirem, porque ele sabe que vão insistir, com a pergunta maliciosa *Mas protegidos, isolados, os índios vão falar português com quem?*, a explicação será simples: “Precisa essa cultura de contato porque não dá mais para viver sem esses contatos com os *nawabus*. Mas a língua que a gente fala na aldeia é o *hatxa-kui*”. Entender e falar a língua dos *nawabus* é um instrumento de proteção nesses contatos, ajudando os indígenas a defender seus direitos e sua identidade.

O kaxinawá rememorou alguns números, sempre pedem. Ele contará que “no alto Xingu tem dez aldeias kaxinawás somando perto de duas mil pessoas e onde tem 40 professores indígenas, lá tem dez escolas bilíngües, com 640 alunos, de seis até sessenta anos, não tem limite. Dezesete professores” (como ele próprio) “estão na faculdade buscando alternativas de melhorar nossa própria educação”.

*A aplicação dessa educação formal dos brancos não vai interferir na história, nos mitos das tribos indígenas?* Essa é outra pergunta que João Bernardo também já ouviu muito. Aliás, ele quer mesmo que venha, porque assim pode explicar que “a gente trabalha lá sempre mostrando a nossa resistência, a nossa educação, o que acontecia quando a educação era só a tradicional que os mais velhos contavam para os moços. Hoje a gente incorporou a escrita, temos livros didáticos feitos na nossa própria língua, por nós mesmos, professores, onde isso fica registrado. É um trabalho de pesquisa que a gente fez com os mestres das nossas aldeias, que sabem da medicina, da história, da música e dos mitos da nossa etnia.

“Os idosos estão sempre de braços abertos quando a gente procura eles. Antes era difícil, mas agora eles vêem que ali tem um valor e esse valor precisa guardar. Lá a gente não é professor, os professores são os mais velhos, a gente é aluno, a gente apenas facilita uma situação para eles. Daí, a gente constrói os livros que são fontes



João Bernardo.



que vão ser estudadas pelos nossos filhos e netos. Então é uma escola assim, que a gente sempre trabalha a nossa realidade.

“A gente não ensina o que é uma girafa, a gente ensina o que tem na nossa região. Na sala de aula a gente pode ensaiar nossas cantorias, nossa tradição, até velho e velha pode vir e ensinar na sala. A história do Brasil eu não chamo de descobrimento, chamo de grande invasão. O Brasil já era ocupado por nós, e mostramos o que essa invasão nos trouxe e mostramos a resistência indígena e mostramos que quando o branco veio da Europa aqui já tinha gente”.

Não se pode negar que João Bernardo tem razão. O registro das histórias, lendas, mitos, rituais, costumes e cantos do seu povo era precário, porque feito oralmente, de pai para filho. A utilização do alfabeto latino para fazer esse registro, que eles descobriram ao estudar português, foi uma iniciativa inteligente dos próprios kaxinawás.

João Bernardo, o aluno-professor, neste período está cursando Pedagogia na Universidade. Seus amigos kaxinawás mais próximos, todos da mesma aldeia, Waldemar Pinheiro, Francisco Biná e Hilario Augusto, fazem Geografia, Matemática e História. No período seguinte, cada um escolhe outra área. João Bernardo vai fazer Sociologia.

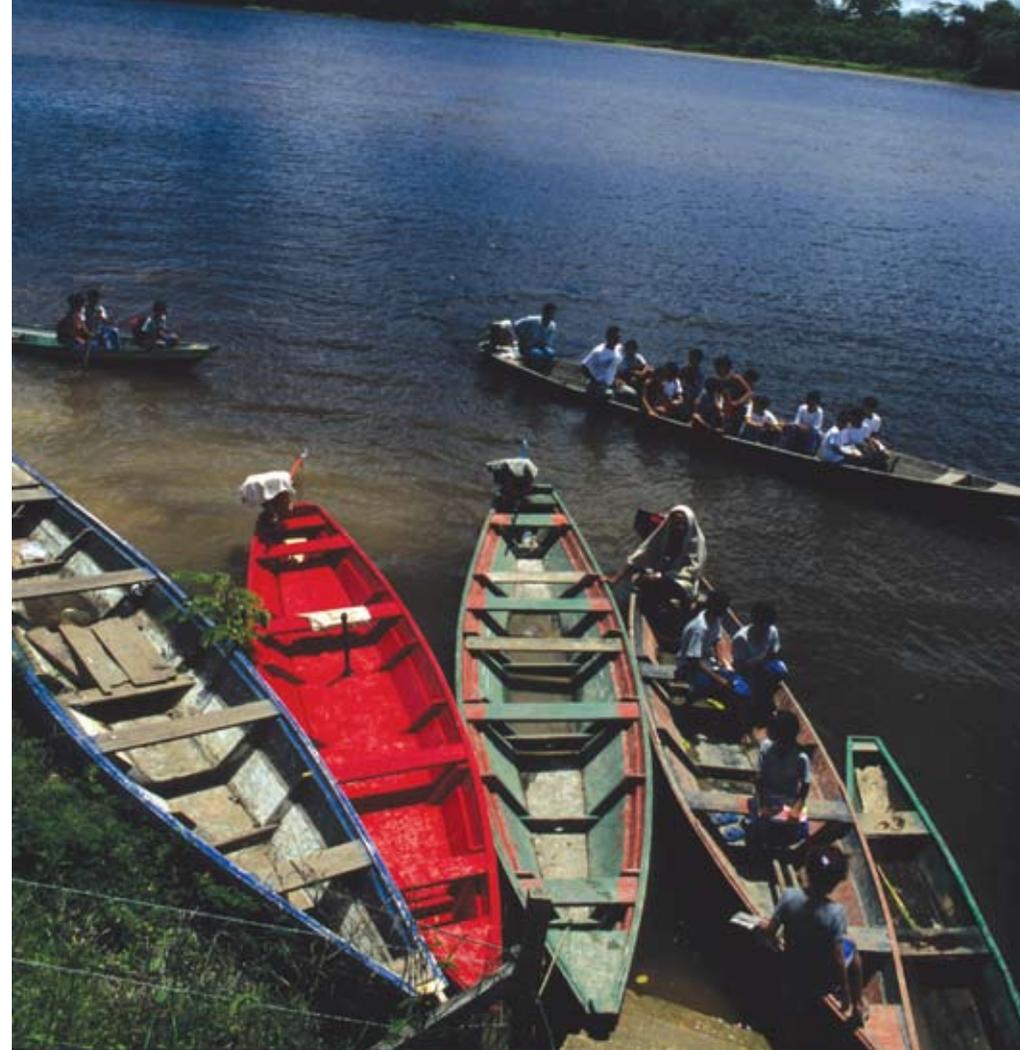
Chegando na Faculdade, o kaxinawá ainda espera quase uma hora para a entrevista. Fica surpreso e um pouco preocupado, quando descobre que vai ser entrevistado por uma mulher. Não esperava isso, as coisas começam a sair diferentes do que havia imaginado.

Começa a gravação. O rosto da moça, até agora sério e tenso, subitamente se transforma e se abre num sorriso largo, esbanjando simpatia para uma outra realidade, que só ela vê através da lente da câmera. Fala, com impostada segurança, das escolas na floresta, fala dos kaxinawás, apresenta com intimidade João Bernardo e dispara a primeira pergunta: “João Bernardo, conta para a gente: para quê, escolas ensinando o português nas aldeias perdidas na mata?”.

João Bernardo Kaxinawá relaxa. Tudo bem, mais uma vez.



A mãe leva para a escola



Barcos-escola chegando

## Uma educação em mudança

As escolas no meio da mata começaram com iniciativas privadas, como a dos Servos de Maria<sup>28</sup>, no Acre. Em 1968, padre Paolino Baldassari<sup>29</sup> fez uma viagem em desobriga<sup>30</sup> de seis meses visitando as comunidades ribeirinhas e do centro da floresta, ao longo do rio Iaco.

Essa viagem marcou a vida do religioso pela falta de qualquer assistência médica e pelo analfabetismo absoluto que encontrou, e que ele retrata com palavras duras: “Às vezes nem o patrão do seringal sabia ler, apenas o *guarda-livros* e o *noteiro*. Todos eram analfabetos, porque o patrão queria que fossem analfabetos, porque não queria que descobrissem as roubalheiras na mercadoria e no peso da borracha. No lado religioso, havia um abandono absoluto. Só existia um rezador, um senhor vindo do Ceará que sabia rezar o terço e às vezes um pouco o catecismo”.

Não tinha jeito. Era preciso criar escolas. Alfabetizados, os colonos saberiam se defender da exploração e poderiam cuidar da vida espiritual.

A saga que foi criar essas escolas, é uma história à parte. Fazer as tábuas cortando as árvores da floresta era impraticável, sem pelo menos uma motosserra. Era preciso comprar as tábuas prontas, e não tinha como. Uma noite, padre Paolino encontrou um seringalista, um comerciante e o então gerente do Banco da Amazônia, de nome Ribeiro. “Quantas tábuas precisa?”, perguntou o gerente. “Quarenta dúzias”. Resolveram na hora: vinte dúzias deu o gerente, dez o seringalista e dez o comerciante.

Assim saiu a primeira escola, na Boca do rio Caeté, que foi chamada “Boa Esperança”. Uma esperança que se concretizou, embora não sem sacrifícios. (Com as fotografias da Boa Esperança, padre Paolino conseguiu na Itália doações para construir mais algumas escolas). As escolas eram feitas de modo comunitário. Onde o pai tinha cinco filhos para estudar, tinha que dar cinco dias de trabalho limpando o terreno, cavando os buracos para os barroteiros. Os meninos plantavam a grama em volta...

Com ajuda de um lado e de outro, com o trabalho comunitário, com a formação básica de professoras pelos religiosos, com o apoio de benfeitores pagando o primeiro ano do salário delas e o Estado passando a pagar depois, as escolas foram aparecendo como uma novidade à margem dos rios Iaco, Caeté, Macauã e Purus e também ao longo das estradas. “Foram cinqüenta escolas bem organizadas e outras do experimento feitas de paxiúba e cobertas de palha de urucari e jaci”, nas palavras do religioso, que não consegue esconder uma ponta de orgulho pelo trabalho desenvolvido.

O problema dos indígenas já era até mais complicado. Dependia de uma professora indígena que dominasse também o português. E dependia, também, de uma aceitação dos próprios silvícolas.

As primeiras tentativas de uma escola bilíngüe foram feitas, sob responsabilidade da Igreja, com os manchineris, no rio Iaco, e com os kulinás<sup>31</sup> – e sob responsabilidade da Funai, com os kaxinawás, no rio Purus. De início não deram muito certo, em especial com os kulinás, para quem saber ou não saber as coisas pouco importava, diante de conhecer a mata, caçar e pescar.

Hoje, sentindo a necessidade de se entender com os brancos, os silvícolas tomam a iniciativa de uma educação bilíngüe. Os kaxinawás levam isto muito a sério. Foram à Secretaria de Educação local, organizaram de comum acordo um currículo básico e ganharam apoio logístico: conseguem impressão de livros e cadernos próprios, recebem material escolar etc.

Na aldeia conhecida como Nova Aliança, por exemplo, as aulas acontecem de manhã e de tarde, os pais e alunos escolhem o período. De segunda a quarta-feira são dados alfabetização, fundamentos de matemática e conhecimentos gerais. Na quinta e na sexta-feira, danças, “cantorias” e rituais, para a prática e preservação dos elementos da cultura tradicional. Não existe “lição de casa”. O progresso do filho é ciosamente acompanhado pelo pai, especialmente quando vão para a mata, juntos, treinar o arco, pescar, caçar – e conversar muito.

Alunas meninas, são poucas. Por tradição, as mulheres devem ocupar-se dos afazeres da família, na *kupixawa* (a maloca dos kaxinawás) e preferem não ir à escola (Mas, as que vão, são melhores alunas, dizem os professores).

\*

*O importante desta experiência é que estamos vendo um desenvolvimento espontâneo, desejado, e que, assim, se insere naturalmente na cultura tribal.*

## Vagas para médicos – salário R\$ 12.500,00

No começo de 2007, as prefeituras de Coari e Parintins, no Amazonas, passaram mais de mês anunciando em Manaus salário de até R\$ 12.500,00 para diversas especializações médicas – sem sucesso. Vinte vagas continuavam sem preenchimento, e as prefeituras foram obrigadas a repetir a oferta em jornais de circulação nacional.

A cada ano, as três faculdades de Medicina de Manaus formam cerca de 200 médicos, mas muito poucos se dispõem a trabalhar no interior. A carência é grande. Coari tem 87.000 habitantes, e tinha apenas um médico pediatra. Na ocasião do anúncio, a prefeitura de Parintins oferecia um salário de R\$ 9.900,00 para um recém-formado ainda sem residência médica ou especialização – e as vagas continuavam em aberto.

Coari e Parintins são apenas exemplos das dificuldades encontradas para atender a saúde pública no interior da Amazônia, apesar dos esforços isolados desenvolvidos por algumas prefeituras.



*Terra adorada, entre outras mil, és tu, Brasil, ó Pátria amada!*

## VI – Dez dias que o Acre quer esquecer

### *18 de setembro, segunda-feira*

**O** Acre é uma região de chuvas fartas, como toda a região Amazônica. Não deixa de chover mesmo na chamada época das secas, de junho a novembro, embora com menor intensidade. Mas, neste ano de 2005, são mais de três meses que caiu a última chuva aqui, isso foi no começo de junho. Assim como as chuvas em excesso logo provocam transbordamento dos rios e enchentes nas várzeas e cidades ribeirinhas, a seca prolongada rapidamente drena os cursos d'água – os igarapés não permitem mais a passagem dos barcos e se formam inúmeras poças onde, aprisionados, os peixes começam a morrer.

Desta vez, a seca se complica porque aumentou o número de queimadas e incêndios, acidentais ou espontâneos. Em todo o lugar, o que se respira é um ar carregado de monóxido de carbono.

Desde ontem, uma densa nuvem de fumaça cobre a capital Rio Branco.

### *19 de setembro, terça-feira*

Os aeroportos comerciais de Rio Branco e Cruzeiro do Sul, e todos os aeroportos menores do Estado, são fechados para pousos e decolagens por falta de visibilidade. O governo considera a situação extremamente grave e declara estado de emergência.

### *20 de setembro, quarta-feira*

A população de Rio Branco está nas ruas. Duas mil pessoas marcham em protesto usando máscaras cirúrgicas para se defender da brutal poluição. Itamar Zanin, um diretor de colégio, exige providências enérgicas dos governos estadual e federal: “Queremos mostrar a nossa profunda indignação. Declarar situação de emergência é insuficiente. Vivo no Acre há 27 anos e nunca encarei uma situação tão degradante!”.

Que pode fazer o governo? As queimadas já estavam temporariamente proibidas por uma portaria do Ministério Público.

Com o estado de emergência, chegam a Rio Branco uma força-tarefa da Defesa Civil Nacional com 120 bombeiros, homens do Exército e da Polícia Militar, três helicópteros, um avião e 20 especialistas do IBAMA.

### *21 de setembro, quinta-feira*

A situação não melhora nada, só piora. São 15 horas. A professora Maria das Dores já havia levado para o pronto-socorro três crianças com problemas respiratórios. Agora está de volta, trazendo mais cinco. A recepção está lotada, muitas crianças e muitos idosos, muita confusão, todos os nervos à flor da pele, ela se assusta. O atendimento é difícil.

O pronto-socorro está recebendo 160 pessoas por dia, só de problemas respiratórios. Em todos, uma expressão de angústia e impotência.

### *22 de setembro, sexta-feira*

Muitas escolas suspendem as aulas para que cada criança possa receber em casa toda a atenção que precisa.

Correm notícias de que, nas fazendas, o incêndio está consumindo pastagens, currais e matando gado. Em Plácido de Castro e Acrelândia teriam sido perdidas plantações inteiras de banana e café.

Ontem, a professora Maria das Dores levou de volta quatro das cinco crianças, já recuperadas. Michelle, de seis aninhos, precisou ficar internada. Maria das Dores passou a noite no hospital com ela, junto com a mãe, que chegou depois.

### **24 de setembro, domingo**

A fumaça segue ainda mais densa, sobre Rio Branco. Tem-se a impressão de que vai acabar virando um imenso bloco de gelatina suja e nos aprisionar a todos dentro dela.

E nem o menor sinal de chuva. O INPE divulga que o satélite registra o número recorde de 1.086 focos de calor no Estado. As regiões mais críticas são Xapuri e Brasília.

### **25 de setembro, segunda-feira**

O governador do Estado continua em reunião permanente com técnicos e secretários, procurando tomar todas as providências possíveis para minimizar o grave problema.

Michelle sai do hospital, voltou a respirar melhor.

Mas há fogo na Reserva Extrativista Chico Mendes, em Xapuri. Só ao longo da rodovia BR-317, que margeia a reserva, o satélite detecta 325 focos de calor.

A situação parece fora de controle. A tensão está no ar, a população à beira do pânico. O rádio insiste em privar o povo de uma notícia animadora, por pequena que seja. Parece que o Acre todo é uma imensa fogueira.

Irrompe fogo a cinco quilômetros de Sena Madureira, numa área da Fundação Amigos da Amazônia, que cuida de dependentes químicos.

### **26 de setembro, terça-feira**

Subitamente, nesta terça-feira as chuvas irrompem no estado inteiro! Chove! Chove! A população vê desaparecer, como num passe de mágica, a pesada cortina suja de poluição que até ontem cobria tudo.

À tarde, o governador Jorge Viana alerta que ainda há vários focos de incêndio em alguns municípios, onde a precipitação é menos intensa. Entretanto o alívio já é geral.

### **Outubro**

A chuva forte não parou e, aos poucos, a vida se normaliza.

Mas os dez dias negros de setembro deixaram fundas marcas no Acre: 200.000 hectares de florestas danificadas e mais de 300.000 hectares de áreas abertas queimadas. É a maior tragédia ecológica na Amazônia desde março de 1998, quando o grande incêndio de Roraima consumiu 3.400.000 hectares de lavrados e florestas abertas.



...a fumaça sufocou o Acre.

### **Entendendo as queimadas**

Se considerarmos o Brasil todo, mais de 98% das queimadas são praticadas nas áreas agrícolas, como um processo já incorporado ao sistema de produção. O agricultor decide onde e quando queimar, e o faz de forma controlada e relativamente segura. Para facilitar o trabalho na lavoura, queima restos de colheita, pastagens, nativas e plantadas, e a palha da cana-de-açúcar.

É claro que é mais fácil limpar uma área colocando fogo do que usando enxada. Mas os agricultores justificam a queimada dizendo que as cinzas vegetais adubam o solo – afirmação que é contestada pelos técnicos. Pesquisa do Instituto Brasileiro de Defesa Florestal prova que o fogo elimina também boa quantidade de importantes minerais do solo.

Na Amazônia, as queimadas provocadas não visam a parte da floresta. Seriam necessários anos de queimadas seguidas para consumir todo o material lenhoso que resulta do desmatamento de uma área. De fato, em nosso país só 30% das queimadas ocorrem nesta região.

O grande problema são as queimadas agrícolas que escapam do controle, as queimadas ilegais e os incêndios florestais que elas provocam. Um incêndio florestal não só é imensamente mais difícil de combater, como sua propagação é mais devastadora pois não encontra espaços vazios que funcionem como aceiros.

Os danos são enormes. Aves e animais são expulsos de seu habitat, ou simplesmente morrem encurralados pelo fogo. Dezenas e dezenas de anos vão passar antes que a área queimada consiga se recompor parcialmente.

Tragédias, como as que feriram Roraima em 1998 e o Acre em 2005, acontecem apesar de grandes esforços para que sejam evitadas. O Brasil tem um sistema orbital de monitoramento de queimadas absolutamente operacional, controlado por centenas de técnicos com dedicação exclusiva. Não fosse isso, ocorrências como essas seriam mais freqüentes e teriam conseqüências ainda mais trágicas.

*Mas o risco dessa violência contra a Natureza parece não impressionar muitos agricultores e pecuaristas, que queimam com tranqüilidade uma floresta milenar para fazer uma lavoura ou para fazer pasto para o gado.*



*Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil!*

## VII –O Seringal Oriental e a entrevista que não houve

O repórter estava em Sena Madureira procurando material para escrever sobre o Seringal Oriental, um seringal no alto do rio Purus, que vivera o segundo grande momento da borracha na Amazônia e que, de repente, na década de 70, fora abandonado.

Naquela manhã, havia ido a um grande armazém da cidade. Conversava sobre seu projeto com o gerente, quando este o interrompe, apontando para uma senhora que chega: “Olha ali, você está de sorte. Dona Áurea morou lá, e lhe pode ajudar”. Fez a necessária apresentação, entretanto a mulher não se mostra cordial. Parece mais desconfiada do que tímida – estranha, talvez, aquele súbito interesse por ela.

Diante do repórter estão uma mulher magra, de corpo firme e poucas palavras, aparentando 70 anos (mais tarde, soube que tinha 65), e um menino de seus doze anos. Ela calça uma sandália de dedo e um vestido surrado, mas limpo. Os pés do menino, descalços, irradiam solidez e força. A mesma força de seus braços e do peito entrevistado pela camisa aberta.

É evidente o desconforto dos dois por aquela súbita abordagem na cidade grande. Experiente, o repórter não se abala. Aguarda com paciência dona Áurea fazer suas compras e, ao fim, solta a provocação: “Então, dona Áurea, a senhora mora no Seringal Oriental?”

“Nhô não, moro não. Já morei lá, e *nesses* tempo fizeram uma derrubada *monstra*. Falaram que tinha autorização para derrubar mais de cem mil hectares. Aí, eu saí. Agora estou na colocação<sup>32</sup> Santa Teresa, no Seringal Santa Helena”.

“E como foi a derrubada que a senhora viu?”, emenda o repórter. Dona Áurea não olha para ele. O olhar, duro, está perdido num ponto qualquer lá atrás. Nada diz por alguns momentos, depois continua, ignorando a pergunta: “No Santa Helena onde eu moro, lá tem muitas *onça*. Eu gosto muito de rezar”.

Não é hora de insistir. O repórter muda momentaneamente de assunto. “A senhora gostaria de morar aqui?”. “Ave Maria, eu prefiro ficar na mata. A mesma coisa eu falando para os parentes que *mora* em Sena, vocês *deixa* de ser besta é melhor viver na mata do que aqui. Uma vez por ano venho tirar a aposentadoria e comprar a mercadoria necessária, e é só”.

Ela só vem à cidade de ano em ano “porque no verão o rio *tá* muito seco e tem muito pau<sup>33</sup> e é muito perigoso passar de canoa”. Explica que também compra as pilhas para o ano todo (Dona Áurea não dispensa o rádio. É a ligação com o mundo).

Ela começa a se soltar. Conta que tem galinha, seis ou sete porcos, quase todos do neto Atos – o menino que a acompanha –, sete cabeças de gado, duas de leite, seis ovelhas, nove ou dez cabritas. “Meu macaquinho *foi-se* embora, tem muita onça e gato maracajá, as onças *esturra* bem pertinho, caça e peixe tem muito. Todas as *noite* eu rezo”.

É a segunda vez que menciona sua religião. O repórter pergunta: “O que é a religião para a senhora?”.

“Na minha idéia a religião é uma coisa boa pra gente. Jesus é uma coisa muito boa pra nós, tudo que a gente pede, ele dá. Quando vem gente e a gente não tem coisa, Deus sempre dá um jeito, pra Deus nada é difícil.” (A *gente que vem* é visita, e a *coisa que falta* é a comida para oferecer).

“Dona Áurea, a senhora é feliz?”, arrisca o repórter. “Eu me considero feliz, eu estou com saúde, então estou feliz, eu estou feliz porque não me aperreio de nada”.



“E qual o seu maior sonho?”. A resposta vem firme: “É que Deus me dê saúde, é ver meus filhos com saúde, ver toda minha família com saúde. Lá na cabeceira o rio está cheio de peixe, é só colocar a malhadeira<sup>34</sup> que eles *malha* e a gente puxa a malhadeira pra canoa e pega os *peixe*. Lá ninguém liga em fazer oração, mas não é querendo me exaltar e nem me gabar mas é só eu que gosto de rezar lá. Lá tinha só um crente, mas ele vai na missa e fica de cabeça baixa”.

A religiosidade de Dona Áurea surpreende.

“A senhora está levando as pilhas para o rádio. De noite, sem luz, fica ouvindo o rádio, é isso?”, quer saber o repórter. “Nhô não, a gente acende a lâmpada com o combustol<sup>35</sup> e fica contando umas estórias depois vai dormir”.

Dona Áurea Leopoldo Cabral. Viúva, teve seis filhos. Moram com ela um filho, duas filhas e cinco netos. A colocação dessa guerreira fica já perto da fronteira com o Peru – no alto rio Caeté, afluente do rio Iaco, que por sua vez deságua no Purus. Tem para mais de trezentas seringueiras. “A gente anda quatro *hora* cortando<sup>36</sup> as *seringueira* e depois mais quatro recolhendo a seringa. Aí tem que deixar essa estrada<sup>37</sup>

dois *dia* de descanso. Mas o preço *tá* muito baixo e quase não compensa a trabalhadeira. A gente também pega a castanha”.

Seu olhar se perde, de novo, em memórias, como se falasse para si mesma: “De Santa Helena para cima não tem um pé de cristão, só mato... Uma vez vim a Sena Madureira de canoa remando. Gastei sete *dia* lá de casa até aqui. No batelão são só três *dia* pra voltar”.

Faz uma breve pausa, ainda pensativa. Bruscamente, muda de tom e encerra: “Olha, o sinhô vai me perdoar, eu vou indo”.

“Mas e o Seringal Oriental?...”, cobra o repórter. “Eu não falo dele. Lembrança ruim”.

O repórter acompanha Dona Áurea e o neto até o porto, em silêncio, impressionado com o vigor físico e espiritual daquela mulher. Ele espera o batelão partir e continua no cais, imóvel, fascinado, sem conseguir desgrudar os olhos do barco até ele desaparecer na curva do rio.

Volta para o hotel, feliz. Já tem uma história. Nem se lembra mais do Seringal Oriental.



## Seringa e seringais

A seringueira (*hevea brasiliensis*) é nativa da Amazônia, onde a extração da borracha teve dois grandes ciclos. O primeiro, atingiu o auge no período de 1880 a 1915. Foi a época dourada, do fausto, das temporadas líricas com as grandes companhias européias. Manaus rivalizava com o Rio, em cultura e elegância. O segundo, mais curto e mais doloroso, deu-se durante a Segunda Grande Guerra, na década de 40. Nos dois, a floresta foi alimentada por milhares e milhares de nordestinos, primeiro fugidos da grande seca que, em 1877, atingiu principalmente o Ceará, e depois arregimentados às pressas para produzir a borracha num atropelado esforço de guerra<sup>38</sup>.

Terminado o conflito em 1945, os seringais voltaram à estagnação. Na década de 70, com o discurso de “integrar para não entregar”, o governo federal estimulou uma nova ocupação da Amazônia com grandes projetos mineradores, madeireiros e agropecuários, financiamentos internacionais e incentivos fiscais. Foi quando ocorreu a invasão de “paulistas”<sup>39</sup> que, atraídos pela anunciada explosão econômica da região, não hesitavam em aplicar lá todo o seu capital. Com eles, chegou também um sem número de grileiros e especuladores, fazendo o que eles sabem fazer melhor: saquear e devastar.

O resultado não poderia ser outro. Como relatou o historiador Marcus Vinícius Neves,



*“com a transformação do Banco da Borracha em Banco da Amazônia e o corte de outras fontes de financiamento, muitos seringais faliram e foram vendidos por preço muito baixo. Em suas terras instalou-se a agropecuária. (...) Todo esse processo de mudança do eixo econômico da Amazônia brasileira acabou arrebentando sobre o lado mais fraco: as populações tradicionais da floresta. Repentinamente, índios, seringueiros, ribeirinhos e colonos viram suas terras sendo invadidas e devastadas em nome de um novo tipo de progresso que transformava a floresta em terra arrasada.”*

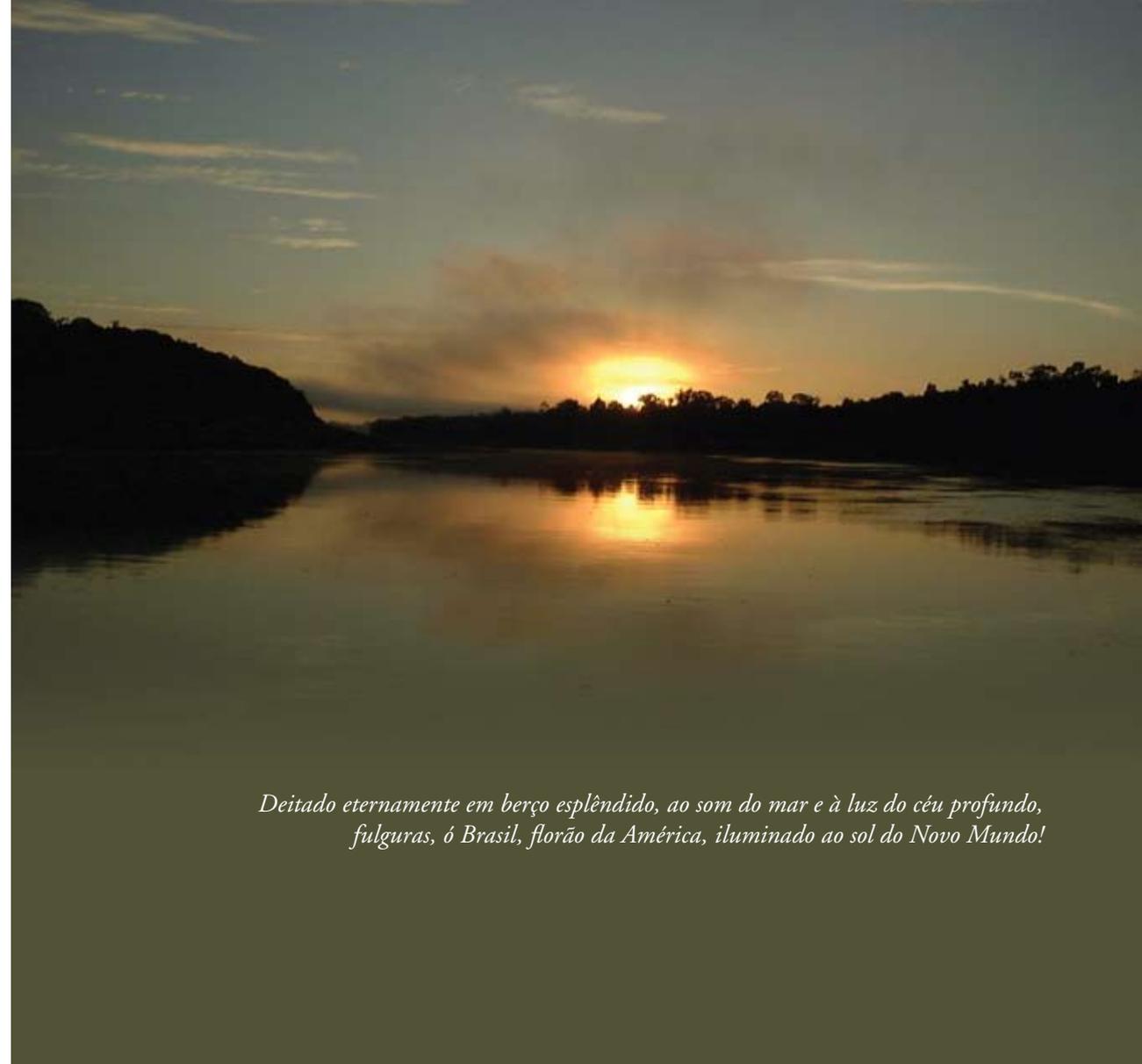
No momento em que escrevemos, a Justiça concede aos donos do Seringal Oriental o questionável direito de cortar 50.000 hectares de árvores no regime de manejo sustentável<sup>40</sup>.

Em sua luta, os amazônidas não querem piedade nem favores. Só compreensão.

Índios e colonos precisam da nossa ajuda numa luta maior. A floresta está sendo destruída – a mata fechada vira clareira, as chuvas diminuem, os rios secam, o ecossistema se altera, a caça e os peixes desaparecem, e os habitantes são expulsos da terra onde sempre viveram e que antes foi de seus pais, e antes de seus avós, e antes de seus bisavós, até onde a memória alcança.

*Nessa luta, eles precisam de toda ajuda possível, porque é uma luta desigual, contra forças que não medem as conseqüências em sua cupidez pelo dinheiro. São forças armadas que intimidam, agridem, subornam.*

*E matam.*



*Deitado eternamente em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo,  
fulguras, ó Brasil, florão da América, iluminado ao sol do Novo Mundo!*

## VIII – Morte anunciada

X

apuri é uma bucólica cidade de 14.000 habitantes, a 180 quilômetros de Rio Branco, subindo pelo rio Acre. Os fins de tarde em Xapuri, quando o sol de fogo se derrete nas águas do rio barrento, são de uma beleza que se renova a cada dia.

O antigo seringueiro está voltando para casa e, apesar das atribuições e preocupações do dia, não pode deixar de sentir a alma um pouco mais leve com aquela visão. *Ele sempre se emocionava com o pôr-do-sol. Talvez porque o pôr-do-sol representava a cada dia a volta para a família, talvez porque ele tivesse nascido e sido criado no meio de um denso seringal, sem horizontes. Em todos os sentidos.*

Os fazendeiros endureciam a briga com os seringueiros, e isso o estava incomodando demais. Agora, tinha tido notícia de que seu amigo Osmarino poderia ser um novo alvo de morte. Também tinham falado de seu próprio irmão, Zuza, mas o Zuza se cuidava. Ele não tinha gostado do que ouvira sobre o Osmarino, que era um grande líder dentro do sindicato, e queria tirar isso a limpo. Não estava com bom pressentimento. *Em 1980, os fazendeiros tinham começado a reagir aos empates, matando. Primeiro foi o Wilson Pinheiro, em Brasília. E recentemente foi uma sucessão: o Ivanir, o Higino, o Jair, o Zé Ribeiro... cada um entrou numa emboscada suja. O Higino tinha saído de casa cinco e meia da manhã para buscar leite para o filho de um mês, e foi morto ali mesmo... Muito triste.*

Ele passou em frente à igreja. Tinha bons amigos, lá. E aliados. Pensou em entrar e dividir suas preocupações com algum deles, mas desistiu. Queria estar logo em casa. *Às vezes, quando dava, subia o rio com Frei Cláudio, que ia em desobriga. Entravam pelos seringais e, de mochila nas costas, iam visitando as famílias de seringueiros. O padre era boa companhia, conversavam muito sobre tudo. Quando chegavam, a recepção era sempre festa. À noite, reuniam, para conversar, as famílias que moravam mais perto, não mais que uma ou duas horas longe. Frei Cláudio gostava de discutir trechos do Evangelho com os seringueiros, ele aproveitava para falar da importância do sindicato dos trabalhadores rurais, que começava a ser montado em Xapuri. As viagens eram sempre uma canseira, mas valiam a pena...*

Vieram lhe dizer que, no sábado anterior, numa mesa de jogo do clube Rio Branco, o Dr. Efraim tinha ouvido falar que estavam armando uma emboscada para ele. Isso não contava. Ultimamente tinha muito boato, era muita conversa jogada fora. Ele possuía suas próprias fontes de informação e, no momento, era a história do Osmarino que lhe preocupava mais.

Lembrou-se de que era dezembro. Com tanto trabalho no sindicato, ainda nem entrara no clima do Natal... Para seus dois filhos, de quatro anos a menina e dois anos o menino, o Natal era uma alegria que ele não podia recusar. Mas sentia o ar pesado. Osmarino... uma emboscada... Não podia tirar isso da cabeça.

Finalmente chega em casa. A filha Elenira quase atropela o pequeno Sandino para correr e lhe pular alegremente no colo. Viver momentos como este, era para o seringueiro a grande recompensa por todos os contratempos do dia.



Foto inédita de Chico Mendes durante a criação do Sindicato em Xapuri

Sua mulher o recebe com um sorriso que podia ser só de amor – entretanto, ele sabe que é também muito de alívio por ele estar chegando “mais uma vez”. *O marido já havia escapado de seis emboscadas, cada vez que ele entrava em casa, para ela era um renascimento.*

Como faz todos os dias, o seringueiro atravessa a cozinha e sai, para se banhar lá fora, antes de comer.

Não chega a dar dois passos.

Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, morre aos 44 anos de idade, fulminado por dois tiros.

Eram 17h45 de uma quinta-feira, 16 de dezembro de 1988.

O sol acabara de se pôr.



Os empates foram uma inteligente forma que os colonos usaram para reagir, pacificamente, ao desmatamento desenfreado que vinha assolando o Acre desde 1970: as comunidades se uniam em passeata e procuravam impedir o abate, por meio do diálogo e do sequestro de motosserras, ou mesmo abraçando e defendendo as árvores ameaçadas.

Numa entrevista dada três meses antes de morrer, Chico Mendes conta que o primeiro empate aconteceu no Seringal Carmen, em 1976, com a participação de sessenta seringueiros e peões. “As mulheres tiveram um papel muito importante como linha de frente, e as crianças eram usadas como uma forma de evitar que os pistoleiros atirassem”, ele explica. Chico contabilizou 45 empates, 30 deles com vitória dos colonos.

Como eles queriam, muitos desses empates resultaram na criação das reservas extrativistas, propostas por Chico Mendes. Funcionam assim: foi criado um Conselho Nacional de Seringueiros, que recomenda ao IBAMA a concessão de uma determinada reserva. Se a concessão for aprovada, a área continua de propriedade da União, mas fica formalmente cedida à comunidade, que se organiza em cooperativa para a caça e pesca e para a extração de seringa, castanha, cupuaçu, palmito, óleo de copaíba, madeira certificada – tudo de forma não-predatória.

Quando foi assassinado, Chico Mendes já havia adquirido grande notoriedade internacional por seus esforços em defesa dos seringueiros e da floresta e havia ganhado diversos prêmios internacionais. Em março de 1987, foi convidado para participar, em Miami, do Encontro Internacional do BID. Dali, voou para discursar em Washington, no Senado Americano. Em julho, recebeu o prêmio Global 500, oferecido pela ONU. Em setembro, recebeu a Medalha Ambiental, da Better World Society.

Tanta projeção incomodou os pecuaristas e fazendeiros, que nesse mesmo ano criaram a UDR – União Democrática Ruralista do Acre. Coincidentemente, em 1987 o assassinato de líderes seringueiros passa a ser uma constante, culminando com a morte de Chico Mendes.

A primeira reserva concedida foi Cachoeira, em 1988. Em 2007, já existem 35 reservas extrativistas em toda a Amazônia, sendo as maiores a Reserva Alto Juruá, com 5.000 quilômetros quadrados e 6.000 moradores, e a Reserva Chico Mendes, próxima a Xapuri, com 9.700 quilômetros quadrados e 1.250 moradores.

*Não se fizeram mais empates, mas muitos sindicalistas continuam sendo vitimados por se perfilharem à causa de Chico Mendes.*



*Do que a terra mais garrida teus risonhos,  
lindos campos têm mais flores; nossos bosques  
têm mais vida, nossa vida no teu seio mais amores.*

## IX – História de Judith

“... Os parentes mandaram nós para falar a todo mundo. Eles (o Exército) prometeram: olha Yanomami, nós vamos fazer aqui quartel para proteger vocês, para não deixar entrar garimpeiro, não deixar entrar qualquer pessoa que maltrata povo indígena. Lá, o que eles fizeram, levantaram a casa deles e trouxeram a luz. Agora, estão mexendo lá. Eles estão solteiros. As mulheres deles ficaram em Boa Vista. Chegam lá, eles começam a mexer com as índias. Ficam pedindo para dormir com elas e dão as coisas de comida, de arroz, farinha. Usam nossas índias. Agora estão com doença.” (palavras do índio Davi Kopenawa, falando ao Conselho Indigenista

Em outubro de 2000, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal recebeu do Conselho Indigenista Missionário denúncia de que índias yanomamis estariam sendo vítimas de abuso sexual por parte de soldados.

De início, o dep. Marcos Rolim, presidente da Comissão, pretendia promover uma audiência pública com a presença das lideranças indígenas e das autoridades militares da Amazônia para discutir o problema. Mas o Exército se antecipou, e sugeriu que os membros da Comissão fossem primeiro até a aldeia yanomami verificar, com plena isenção, o que havia de verdadeiro na denúncia recebida.

A visita acabou acontecendo em fevereiro do ano seguinte. A Comissão, com o índio Davi Kopenawa, foi a Surucucus, região yanomami onde há uma unidade avançada do Exército – e os casos de abuso foram comprovados.

As autoridades militares da região tomaram medidas bastante severas. Desde então, os soldados estão proibidos de sair sem autorização e, de qualquer forma, estão proibidos de se aproximar da cachoeira onde os índios se banham.

Entretanto, esse saneamento pontual ficou longe de resolver o problema. Os casos de abusos não são casos isolados, e os agressores não são só militares. Ainda recentemente, em relatório de junho de 2006, o Conselho Indigenista Missionário denuncia “que crianças e adolescentes, na faixa de 6 a 17 anos de idade, são as maiores vítimas da violência sexual contra indígenas nos últimos três anos”.

O relato que a Comissão de parlamentares apresentou à Câmara em 2001 é emblemático e expõe, com todas as cores, o drama dessa fragilidade:

“Fomos, então, até a maloca da unidade onde viviam cerca de noventa yanomamis. Os homens adultos estavam fora, em expedição de caça e deveriam retornar dentro de dois dias. Uma parte das mulheres encontrava-se, a duas horas de caminhada, na roça. Na maloca, estavam um casal de índios idosos, aparentando mais de sessenta anos, alguns meninos e meninas entre 10 e 12 anos, três bebês e seis índias jovens com idade entre 14 e 18 anos. Fora da maloca, cerca de quinze outras crianças brincavam e se exercitavam com suas flechas.

“De início, tudo pareceu difícil, quase impossível. Primeiro, dentro da maloca, a escuridão tornou-se espessa porque os índios trataram de se “proteger” de eventuais câmeras fechando todas as aberturas.

“Davi, que habita uma outra área yanomami bem distante de Surucucus, iniciou a conversa explicando quem nós éramos e o que nos trazia até ali. O tempo dessa conversa foi longo o que, imagino, deva refletir uma outra relação temporal vivida pelos yanomamis em seus diálogos.

“Posto o problema, o índio mais velho permitiu que falássemos com Judith – a primeira menina que havia mantido relações sexuais com soldados. Nova dificul-



Índios kulinas,



na periferia de cidade.

dade. Judith confirmava que aquilo tinha acontecido com ela, mas dizia que não queria falar sobre o assunto. Davi, então, voltou a argumentar sobre a importância do trabalho que queríamos realizar etc.

“Após muita conversa, Judith começou a falar. Relatou, então, com detalhes, tudo o que lhe ocorrera. Contou como tomou a iniciativa de ir até o quartel procurar comida. Disse que, durante muitos dias, os soldados lhe deram bolachas, restos de comida, bebidas alcoólicas e pequenos presentes como linha, por exemplo. Que depois os soldados passaram a convidá-la para “ir ao mato” ou para tomar banho na cachoeira; que, ato contínuo, passaram a condicionar a oferta de comida, bebidas alcoólicas e presentes ao atendimento daqueles convites.

“Finalmente, Judith relata que atendeu aos apelos dos soldados, que estava afeiçoada por um deles, que pensava que ele quisesse namorar com ela. Manteve, então, relações sexuais com ele e isto lhe garantiu continuar recebendo os mantimentos. Quando descobriu que estava grávida, o soldado havia desaparecido.

“Judith é uma índia particularmente bonita. Seu rosto mal encobre as feições de uma menina. Dificilmente terá, hoje, 18 anos. O filho que teve com esse soldado é já um menino com três, talvez quatro anos. ... O mais provável é que Judith tenha se relacionado com o soldado em uma idade entre 12 e 15 anos.

“O depoimento de Helena é muito parecido. Ela estava no outro lado da maloca, na companhia de uma terceira índia que confirmou também ter mantido relações sexuais com soldados. Essa terceira índia, entretanto, acompanhou o depoimento das outras duas confirmando o que era dito, mas sem falar. Helena falou e relatou um processo idêntico de aproximação e posterior abuso sexual por parte dos soldados. ...

“As índias com quem conversamos não relatam submissão ao ato sexual mediante emprego de força ou violência. Relatam, de uma forma cândida, como foram conduzidas à relação sexual, desprotegidas, em um jogo de artifícios caracterizado por uma postura de aproveitamento e exploração.”

E assim se encerra o relato da Comissão Parlamentar.

Dos 41 casos de abuso sexual que o relatório do CIMI registra para o período de janeiro de 2003 a agosto de 2005, indicando nomes, locais e circunstâncias, 20 foram praticados contra crianças com idade entre 6 e 13 anos e 11 contra adolescentes com idade entre 15 e 17 anos.

A realidade é que, com a fragilidade do relacionamento entre os indígenas e os que se intitulam civilizados, os indígenas acabam frequentemente submetidos a algum tipo de violência – seja física, seja emocional, seja cultural.





Índios yanomamis, na aldeia.

### Os direitos indígenas

Nossa Constituição é bastante clara ao definir os direitos dos povos indígenas: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. (art. 231).

É constitucional o respeito à organização social, aos costumes, às línguas, crenças e tradições dos povos indígenas. E é constitucional o direito dos povos indígenas sobre as áreas que eles ocupam em seus deslocamentos periódicos.

Isso significa que suas terras não podem ser tomadas. Isso significa que suas mulheres não podem ser ofendidas.

Mas, não menos importante, isso também significa que não temos direito de atraí-los para uma civilização presunçosa, onde eles acabam despersonalizados e derrotados.



*Ó Pátria amada,  
idolatrada, salve! Salve!*

## X – Senhor, eu queria uma luz!

**U**ma dificuldade muito grande que tenho até hoje é lidar com um filho meu, que é dependente químico. Hoje ele tem 19 anos, assim na faixa de 13 anos começou a se envolver com drogas, quando eu descobri ele já tinha 14 a 15 anos. Então, pra mim, eu acho, é um grande desafio, porque droga pra mim, me dá vontade de chorar, toda vez que eu uso essa palavra ela vem dentro do meu coração.

Eu adoro meu filho porque eu sei que tem muita família, inúmeras no mundo, destruídas por causa da droga, que a gente não conseguiu até hoje e a gente tem esperança de ser combatida, mas é difícil. A família que não tem uma pessoa que seja dependente de qualquer droga, ela pode se ajoelhar e se prostrar todo dia e agradecer a Deus por ela não passar por isso porque eu já sofri muito com esse problema com meu filho.

Eu descobri, porque ele ia pro banheiro e eu sentia um cheiro diferente. Minha casa é na beira do rio. Tinha só metade de alvenaria, o resto, madeira. Tinha um puxadinho com um banheiro e o tanque. Então, na parede do banheiro tinha um buraquinho. Ele fumava no banheiro, ele levava bala e aí pelo buraquinho ele jogava fora o papelzinho. Quando eu ia lavar roupa, ih, que quantidade de papel de bala... e depois por quê, chupava bala só no banheiro? e aí eu comecei a sentir um cheiro – diferente. Daí foi que comecei a ficar desconfiada. Começou a sumir coisa também dentro de casa, e eu conversei com ele, sentei e conversei, aí foi que eu descobri. Aí levei pra Rio Branco, internei, mas na hora que quisesse saía, né, eu ia embora e ele saía sempre...

Quando eu era candidata, eu escutei uma vez uma pessoa dizer para mim “*Glorinha, eu fui pedir um voto pra você e a pessoa me disse ‘não, eu não vou votar nela porque ela tem um filho que ele não vale nada, ele é um marginal, ele rouba, ele usa droga’ – eu disse ‘não, mas ela não tem culpa porque ele é assim.’*”

Ah, então a gente tem que enfrentar de cabeça erguida esse problema, que é um problema grande, mas que, se abaixar a cabeça, eu não vou resolver, não é... com a cabeça baixa... com vergonha, porque eu estou com vergonha, porque meu filho usa droga, porque meu filho roubou... A gente pensa diferente.

Uma vez eu levei ele pra tratamento, eu fiquei uma semana em Rio Branco, eu dava dinheiro pra ele *comprar*. Por que eu dava? porque eu estava numa casa de família em Rio Branco com ele. Eu ia para um hotel, mas eles não deixaram, disseram você vai ficar aqui na minha casa porque eu tenho você como minha filha, eu não vou deixar você num hotel, você tendo a minha casa. Eu fiquei lá, mas eu não dormia, eu tinha medo de dormir e ele mexer nas coisas das pessoas. Então ele queria, eu fechava a porta que dava pra sala, ele ficava andando no quarto sem parar.

“Eles ficam num estado... é só quem convive. Eles ficam... eles não nos conhecem... Eles desconhecem a gente. Quando eles estão naquele momento, que chega a vontade de usar, eles não conhecem pai, não conhecem mãe, eles desconhecem, então eles querem de qualquer maneira, e têm que conseguir. Sabe, e eu vivia naquela situação. E aí eu estava lá naquela casa e eu não tinha como, eu dava o dinheiro. Eu dava o dinheiro, porque se eu não desse, ele ia tirar, ele ia roubar. E ele ia lá... ‘Mãe,



rapidinho, eu vou ali e volto já'. Eu dava, mas não era concordando que ele ia comprar droga. Ele dizia que queria comprar um lanche, que queria comprar qualquer coisa... porque a mentira era freqüente, né. Ele pensava que eu não sabia. Pra ele, eu estava dando pra comprar o lanche.

Hoje ele tem 19 anos, ele está preso. Quando ele completou a maioridade, os processos foram arquivados, porque ele era menor – tudo que ele cometeu quando era menor, foi arquivado – mas ele voltou a cometer, entendeu, quando completou a maioridade. E rapidinho, aí não tem mais como, né... rapidinho.

Ele fala que me ama muito. Que me ama muito. Toda vez que ele liga, ele diz 'mãe', só liga assim porque é rapidinho, 'mãe eu te amo'. E eu sempre digo 'eu também', porque eu sou a única que... lá em casa todo mundo lavou as mãos, ninguém quer ir, mas eu vou visitar ele. Domingo eu fui, primeiro dia, cheguei cedo lá, terminei de fazer o almoço, arrumei o almoço, fui visitar, passei a tarde lá, visito os outros também.

Eu gosto muito de ir no presídio, quando eu ganhei as eleições minha festa foi lá, eles fizeram pra mim uma festa lindíssima, todos eles, foram pro campo lá, fizeram bolo, fizeram suco, quando eu entrei foi uma surpresa, eu trabalho muito bem lá com o presídio.

*(A Glorinha deste depoimento é a vereadora Maria da Glória Gonçalves Viana, 52 anos, agora Secretária Municipal de Saúde, em Sena Madureira, no Acre. Uma cearense arretada, falante, cheia de sensibilidade, está em Sena desde 1971. Apaixonada pelo trabalho que faz, gostaria que todos os funcionários atendessem o público com um sorriso, com genuíno interesse em servir – e se queixa de que nem sempre é assim. Implica com as pessoas que chegam sem dar bom dia. Qual o preço do seu bom dia?, pergunta. Eu quero pagar! Ela conta que o presídio abriga 145 presos – a maioria, casos de drogas, tráfico de drogas, e jovens, de 19 a 25 anos. Sabe que a droga circula dentro do presídio.)*



Glorinha

Eu sinto que eu tenho que falar e as pessoas não podem esconder, quando se tem um problema como esse na nossa casa não tem que esconder, tem que lutar pra combater. Eu sempre fico perguntando “Senhor, eu queria uma luz, o que é que eu posso fazer?”.

Porque é muito, muito triste...



## É verde o caminho das drogas

Quando falamos das queimadas no Acre, estamos falando de um problema da Amazônia. Quando falamos da poluição por mercúrio do rio Madeira, estamos falando de um problema da Amazônia. Quando falamos da pesca predatória no rio Negro, ainda estamos falando de um problema da Amazônia.

Mas quando falamos de drogas, falamos de um problema que agride indistintamente o Brasil todo. Nesse problema, a Amazônia é vítima e é também veículo, porque 8.000 quilômetros de fronteiras são facilmente ignorados pelo tráfico que vem do Peru, da Colômbia, da Bolívia – onde estão as maiores áreas de cultivo ilícito da coca, no mundo todo.

A cidade de Tabatinga, no Amazonas, é apontada como centro de comércio da pasta de coca e formaria, com o município de Cruzeiro do Sul, no Acre, um corredor para o transporte da pasta de droga produzida no Peru, com destino aos laboratórios de refino na Colômbia. De outro lado, a Amazônia é a grande porta de passagem da droga pronta, que vai para o consumo do Brasil e do mundo. No caminho dessa atividade criminosa, poderosa, corruptora, sobram milhares de jovens amazônidas sequestrados para o vício.

Nem nos cabe culpar o Governo por isso. No mundo todo, os governos enfrentam uma luta extremamente difícil contra narcóticos e traficantes. Mas, afinal, o nosso

Governo somos nós mesmos, que o exercemos através de nossos representantes, ali colocados pelo voto e vontade popular. Em lugar de reclamar, devemos é agir.

Diversas instituições particulares já arregaçaram as mangas e mergulharam fundo no tratamento e recuperação dessas jovens vítimas da droga. Como o Centro Nova Vida, no Pará, a Associação Casa Família Rosetta e o Refugio Canaã, em Rondônia, o Centro Terapêutico Vida Nova e o Centro de Recuperação São Tarcísio, no Amazonas, a Comunidade Arco-Iris, a Comunidade Peniel, a Fazenda Esperança<sup>41</sup>, no Acre.

Se pudermos, vamos criar novos centros de esperança, vamos multiplicar as oportunidades de recuperação. Se não pudermos criar nós mesmos, então vamos fazer a nossa parte ajudando as instituições existentes.

Porque, sem o nosso apoio, para os viciados é muito difícil. Como disse um recuperando: “Aqui no instituto descobri que sou capaz de mudar o meu destino. Comecei a usar droga porque queria fazer parte de um grupo de *amigos* que eu achava legal... Como eu sempre tinha dinheiro no bolso, passei a usar e a comprar drogas também para eles. Só que quando você chega no fundo do poço, os amigos se vão... e você fica sozinho”.

*Brasil, de amor eterno seja símbolo o lábaro que ostentas estrelado, e diga o verde-louro desta flâmula - Paz no futuro e glória no passado.*

## XI – O bebê de uma índia chamada Simone

**S**imone é uma jovem índia kulina da aldeia Maranawa, no rio Purus. Ela aparenta não mais que 16 anos. Seu menino, Duró, está doentinho há várias luas. Está quente, não mama e fica o tempo todo largado na pequena rede da maloca que a família dela divide com outras 18 famílias.



Simone está triste e apreensiva. Ela já falou com o pajé para tirar o dori<sup>42</sup> do menino, e ele não melhora. Decide, então, descer o rio até Sena Madureira, em busca de ajuda. Enrola o menino num pano grosso e fala em kulina para a mãe: “Vou para Sena”.

A velha índia não pergunta nada, ela também está preocupada com Duró e já sabe: a filha vai pedir ajuda ao padre Paolino, que tem duas luas tinha descido o rio de volta da desobriga. A menina índia se apressa. Apanha algumas frutas, que a viagem vai ser longa, e segue para o rio.

A manhã estava fresca, o sol ainda não havia se elevado além da copa das árvores, e ela desceu o rio sem problemas, mas sem tirar os olhos do seu Duró que agora estava um pouco mais tranqüilo. No fundo do barco, ele tinha se livrado do pano que o cobria e estava de braços e pernas estendidos em abandono. “É bom sinal, pensou Simone, a quentura deve estar passando”.

Sena Madureira. Simone gostava de ver a animação da cidade, mas seus sentimentos eram confusos. Tinha sempre medo de que alguma coisa lhe acontecesse e ela não pudesse mais voltar para a aldeia. Fazia tempo que não vinha a Sena, e nada tinha mudado. Estava tudo no lugar, até o padre Paolino na casa da igreja, paciente e bondoso, com uma pá de gente para atender.

Quando chegou a sua vez, padre Paolino disse “O que é que você tem agora, Simone?” e ela se espantou que lhe lembrasse o nome, porque tinha estado com ele só uma vez. Simone contou tudo, ele ouviu com atenção, sempre observando o bebê, perguntou se ele estava com o intestino solto (estava) – então, o padre se levantou, deu a volta à mesa cheia de papéis com anotações, pegou a mãozinha de Duró, ficou atento no corpinho por mais um momento, depois colocou sua mão de leve na cabeça do indiozinho e disse “Ele também está desidratado, mas vai ficar bom.

Você faz um soro com água de coco que tem na casa dos padres e faz um chá com a folhinha da goiaba. Vai dando pra ele de pouco em pouco, de dia e de noite”.

Fez um afago na cabecinha do bebê e isso foi tudo.

Naquela mesma tarde, Simone subiu o rio num velho regatão<sup>43</sup>. Durante a viagem já foi dando o soro e o chá para Duró. Passou um dia e, quando passou o outro, o menino não tinha mais nada.



Pe. Paolino





### Medicina da Floresta

As populações indígenas vêm há séculos acumulando conhecimento sobre o valor curativo das plantas, e os amazônidas que chegaram depois aprenderam com eles.

As mães preparam suas infusões com cascas e folhas vegetais para atender às indisposições mais comuns. Para cada mal, um chá diferente. Quando não têm sucesso, no caso das colônias indígenas valem-se do pajé. Quando o pajé também não resolve, se puderem – e se der tempo – vão procurar ajuda mais longe.

Em 1950 desembarcavam no Brasil nove frades italianos da Ordem dos Servos de Maria, entre eles Frei Paolino Baldassari. Seguiram direto para um curto estágio no Acre, onde a Ordem já existia desde 1920. Todos foram tomados de paixão pela floresta e por seus problemas. Nunca mais voltaram a morar na Itália.

Um dos objetivos de Frei Paolino é cumprir as desobrigas – viagens rios e igarapés acima visitando cada aldeia, cada povoado, cada vila, batizando, casando, ouvindo queixas, intermediando disputas, ensinando o valor da oração. Em seu trabalho, logo se interessou pelos chás curativos e notou que havia uma dispersão muito grande de informações. Alguns chás eram conhecidos de uns, mas não de outros. Alguns

males eram tratados com determinado chá por uns e com chás diferentes por outros. Uns sabiam o que fazer diante de certos males, outros se mostravam impotentes e se resignavam a ver a criança, ou o adulto, ser vencido pela doença e morrer.

Frei Paolino foi colecionando todas as informações que podia – de livros, de seringueiros, de silvícolas, de pessoas das cidades – e passou a usá-las em suas desobrigas, quando os recursos familiares já haviam falhado.

Fora das desobrigas, Frei Paolino fica em Sena Madureira cuidando de outras tarefas sociais da Ordem (entre muitas outras, escolas, hospitais, recuperação de dependentes químicos), mas a notícia de seus conhecimentos dos chás curativos se espalhava e não demorou que passasse a ser procurado na cidade, pelos moradores do local e por moradores distantes.

Hoje, quando está em Sena, ele recebe toda manhã cerca de oitenta pessoas a quem orienta com sua experiência pessoal, e a quem distribui os chás, dos quais tem sempre, já preparadas, quantidades suficientes para todos.

As receitas são surpreendentemente simples e, além das cascas de determinadas árvores, podem incluir mel, banha de capivara, abacate, manga, coco, pimenta e folhas de certas plantas – algumas com nomes deliciosos, como *amor crescido*, *catanga de mulata* ou *capim santo*.

Em 2001, o Governo do Acre decidiu patrocinar a publicação de “Medicina da Floresta”, uma coletânea das receitas do Frei Paolino. “Todas as plantas mencionadas existem em nossa região. Mas para que continuem existindo, é preciso preservar”, adverte a Irmã Adriana Closs, na Apresentação.

*Sim, é preciso preservar. É preciso preservar as plantas, as florestas, os rios, peixes, pássaros e animais que formam a Amazônia. E que estão, todos, ameaçados de extinção.*



*Mas, se ergues da justiça a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte.*

## XII – Toreiros da Amazônia

**N**a área do Estado do Amazonas que agora é Roraima, aí por volta de 1810 os sakariowarás, uma tribo indígena do grupo dos suruís, já extinta, viveram uma história de amor que marcou época – chegando aos ouvidos da corte de Dom João VI, no Rio de Janeiro.

Conta-se que Sahi, uma menina karajá, se apaixonou por Korahi, um jovem sakariowará. Eles se conheceram quando um grupo sakariowará esteve em visita aos karajás, numa aldeia a três dias de distância. Não se falaram, apenas se viram e, durante a visita toda, seus olhares não conseguiram se desgrudar. Na volta, Korahi ainda queimava com a meiguice do olhar cheio de promessas da karajá, mas era um assunto que precisava esquecer. Ficar com alguém de outra aldeia não era permitido, nem entre os sakariowarás nem entre os karajás. Além disso, para se afastar da aldeia precisaria pedir permissão, e de qualquer forma caminhar três dias sozinho até a aldeia dos karajás era sempre arriscado.

Korahi não pensava em outra coisa. Andava triste, até que aconteceu um fato extraordinário. Ele havia saído com os homens da aldeia para caçar. No meio da mata, apanhou uma mancheia de camu-camu<sup>44</sup> e foi espremendo a frutinha na boca, enquanto, atento a qualquer ruído denunciador, procurava pelo chão sinais recentes de alguma caça. Então, a última camu-camu que tinha lhe escapou da mão e correu para uma fresta sob uma grande pedra.

Ora, não era uma pedra que ia lhe roubar a última frutinha – que é sempre a mais doce. Tentou, puxou, empurrou. A pedra nem se mexia. Tentou de novo, empurrou de novo, puxou de novo, já estava ficando *muito* bravo com a pedra, quando finalmente ela cedeu e rolou para o lado.

Embaixo, meio coberta por um musgo velho, em vez da sua frutinha... estava a maior pepita de ouro que alguém já tinha visto! Korahi nem queria acreditar. Limpou bem, tinha até a forma de um pequeno tracajá<sup>45</sup>. Seu coração parecia querer saltar do peito, e a primeira coisa que pensou foi em dar para a karajá, para ela ter muita sorte na vida.

Na aldeia, todos se espantaram com a notícia. Voltaram ao sítio da pedra, aquilo não era lugar de ouro, não. Alguém deveria ter guardado a pepita ali há muito tempo e, depois, ou não encontrou mais o lugar, ou foi morto...

Korahi passou a andar com a pepita sempre junto ao corpo, como se, prometido para a karajá, o tracajá pudesse transmitir a doçura de um toque que talvez ele nunca viesse a experimentar. Além disso, sentia que tinha gente na aldeia querendo ficar com o ouro dele. E aconteceu o segundo fato extraordinário: um dia, quase escurecendo, ele percebe que alguém o espia por detrás de uma árvore. Korahi apanha arco e flecha e avança... para descobrir que o vulto é Sahi. Os dois se embrenham na mata, sentam-se ao pé de uma sumaúma cujas altas raízes tabulares formam uma espécie de abraço protetor.

Korahi oferece o tracajá para a menina. Dão o abraço proibido e tão ansiado. Subitamente, surgem dois sakariowarás gritando, Korahi foge. Sahi, assustada, desaparece na mata. Korahi é morto.

O tracajá de ouro não apareceu e nunca mais se ouviu falar dele. Expedições de brancos saíram do Rio e foram até a aldeia, vasculharam tudo atrás da pepita, que já falavam pesar quase meio quilo. Foi tudo inútil.

\*

Estamos em 2007, em Candeias do Jamari, uma pequena cidade a vinte e poucos quilômetros de Porto Velho, Rondônia. O dia estava terminando. O toreiro<sup>46</sup> Álvaro parou o caminhão bem diante da grande casa branca, desceu apressado e bateu palmas ao portão. A casa era afastada da rua, tinha um bonito jardim português, com laranjeiras e um pequeno espelho d'água ao fundo. Impaciente, já batia de novo, quando lhe vem atender uma senhora, a quem perguntou pelo Dr. Vidigal. “Precisou voltar ao posto de saúde, o senhor deve encontrar ele lá.”

Que maçada, pensou. Mas, não tinha importância. Agradeceu, despediu-se e partiu, rápido. O posto de saúde não era nada longe.

Médico formado e com clínica no sul, com a morte do pai um ano antes, o Dr. Vidigal havia largado tudo e voltado para Candeias, para administrar os bens da família. Não demorou para pôr à venda uma área de 50 alqueires, que logo interessou a Álvaro.

O toreiro esperou nem dois minutos, o Dr. Vidigal terminou uma consulta e pediu que ele entrasse. Álvaro foi direto ao assunto. “Vim fechar o negócio com o sítio, Dr. Vidigal. Ainda está à venda?”. Disse isso como gracejo e deu uma larga risada, porque a pergunta era desnecessária. Não passava semana que ele não se encontrasse com o Dr. Vidigal, por acaso ou de propósito, para falar do sítio que vinha namorando comprar. A questão era que não chegavam a um acordo, porque ele não tinha nem metade do dinheiro, e o Dr. Vidigal não aceitava facilitar.

O dono das terras respondeu com outra pergunta. “Você já conseguiu o dinheiro?”.

“Já consegui. E vou mudar de ramo. Quero ter o meu sítio e cuidar dele, só, doutor”. O moço falava e ria, feliz.

“Escute aqui, ó Álvaro. Não faz uma semana você me dizia que nasceu em Rondônia e ia morrer puxando tora em Rondônia. Já mudou de palavra?”. O Dr. Vidigal estranhava, e Álvaro achou que era melhor explicar com mais detalhes.

“Não, Dr. Vidigal, não nasci em Rondônia. Nasci em Capitão Leônidas Marques, no Paraná. Saí de lá com toda a família aos 16 anos. Viemos para Rondônia e



Álvaro e o filho



já trabalhava como toreiro junto de meu pai. Passamos em Vilhenas, Cerejeira, Costa Marques até que casei e vim para Candeias. São dez anos que moro aqui, e continuo o trabalho de toreiro independente. Eu só derrubo as madeiras que as serrarias procuram: cerejeira, cedro mara, ipê, cedrinho, taxi, tauari, faveiro, cinzeiro....”

O Dr. Vidigal estava atento, e um pouco surpreso. Pensava que o toreiro trabalhasse para uma exploração certificada. “Mas, então, você é um desses que estão acabando com a floresta!”.

O toreiro deu outra gargalhada: “As plantas que eu derrubo são coisa pequena comparado com as derrubadas das fazendas, doutor! Quando volto no lugar onde dois anos atrás derrubei uma árvore, já o mato voltou a crescer como antes.

“Quem acaba com a floresta são os fazendeiros. Nas grandes derrubadas, já queimam a maior parte da madeira. Eles não aproveitam nada. Para eles, não compensa mandar cortar antes a madeira; mandam logo tocar fogo, porque o que querem é um lugar limpo pra pasto, pra plantar capim pro boi comer e depois, quando nem o capim dá mais, plantam a soja, que agora dá mais dinheiro”.

O médico continuava atento. “Na verdade, eu não fazia idéia disso.”

O toreiro riu de novo. Ele ria sempre, tinha sempre um largo sorriso no rosto quando falava, mas agora estava mesmo eufórico. E continuou: “Eu derrubo minhas quatro a cinco árvores por semana. Tirando os gastos com o conserto das máquinas, combustível e a diária do peão, tenho um ganho limpo de mais ou menos 1.500 reais por mês. O dinheiro para viver se consegue com este trabalho, mas também a floresta se acaba... Tem planta que a gente já não encontra mais nesta região.

“Agora, vou mudar de vida. Vou comprar o meu pedaço da mata, plantar num pequeno roçado arroz, mandioca e feijão para o gasto da família, mas ali nunca vou cortar uma planta. Quero que meu filho Rafael possa conhecer como era aqui, antes de toda esta destruição. Quero que ele estude para se formar e encontrar um trabalho diferente do meu, mesmo porque, quando ele for grande, vai estar é sobrando muito pouca coisa pra derrubar.

“Hoje derrubei a minha última árvore, doutor. Foi uma sumaúma que devia ter uns trezentos anos. Fiz o corte com a serra, e quando ela desabou recebi um sinal pra abandonar esta vida: veja o que apareceu, enfiado num buraco do tronco, bem no toco cortado”.

O toreiro pôs em cima da mesa o tracajá de ouro.



### Armado de uma Stihl, modelo MS 051

Uma motosserra é como certos venenos: na medida certa pode fazer bem, passou disso, mata. Uma pequena caixa de fósforos, também. Pode fazer a fogueira que aquece, mas pode também gerar o incêndio descontrolado que acaba com toda uma floresta.

Ocupantes irresponsáveis da floresta não precisam de mais do que estar armados com uma Stihl e uma caixa de fósforos para vencer, fácil, a luta contra a Natureza. O sabre de 75 cm de uma motosserra 051, em menos de 15 minutos põe abaixo um sólido angelim-pedra, gigante de 100, 200 anos de idade com um tronco de 80 cm de diâmetro. O palito de um fósforo é suficiente para abrir a caixa de pandora que vai matar animais, destruir espécies vegetais e alterar definitivamente um delicado equilíbrio ecológico, pacientemente tecido pela Mãe Natureza ao longo de milhões de anos.

Discute-se muito o “direito” de se impor um programa de desenvolvimento à floresta amazônica, sem se perguntar antes à floresta se ela quer esse desenvolvimento. Discute-se muito se autorizamos o desmatamento de 30, 50 ou 75% da floresta, sem se perguntar antes à floresta se ela quer *qualquer* desmatamento.

Não dá para perguntar, porque floresta não fala? Então, vamos perguntar aos que nasceram lá, vivem lá, sonham lá, e só pretendem morrer lá, em paz, respirando ar puro e ouvindo o chilrear dos pássaros na mata. O progresso que o amazônida quer, não é ver a sua mata destruída para dar lugar a pasto de boi ou cultura de soja, estejamos certos. O progresso que o amazônida quer é ter escolas na floresta (e não tem), estradas na floresta (e não tem), eletricidade na floresta (e não tem), assistência médica na floresta (e não tem), saneamento básico na floresta (e não tem).

Na Câmara Federal existem, hoje<sup>47</sup>, 199 projetos versando o desmatamento da floresta. Quantos existem versando o saneamento básico das cidades e vilas da floresta? Quantos existem para levar escolas e médicos para o interior da mesma mata que se pretende “desenvolver” discutindo a *morte* da floresta?

Entretanto, temos um problema ainda maior. O mundo está gravemente – mas muito gravemente – enfermo, saturado de gás carbônico, que a Amazônia pode ajudar a eliminar (veja matéria no capítulo II).

Que o desmatamento ilegal e as queimadas, intencionais ou não, *devem cessar já*, é ponto pacífico. A realidade é que estamos devendo o que foi desmatado indevidamente. Não é suficiente respeitar o ciclo de corte das árvores<sup>48</sup>. *A recuperação da floresta Amazônica só se fará se, em vez de cortarmos, plantarmos, se, em vez de programas de desflorestamento, fizermos programas de reflorestamento.*

*A saúde do planeta pede. Teremos coragem?*

## XIII – Luzes da cidade

**P**aruá é uma aldeia kaxinawá nas imediações da cidade de Feijó, sobre o rio Paraná do Ouro, no Acre. Os kaxinawás são índios ativos, com uma organização social tranqüila. As mulheres cuidam dos filhos, da comida, do roçado, da roupa e trabalham o algodão com que fazem os artigos de tecelagem. Os homens caçam, pescam, fazem os *kakan* e os *kuki*, os cestos grandes para carregar madeira e os menores para transportar a banana ou a macaxeira que colhem.





Aqui, na aldeia Paruá, muitos deles se ocupavam da coleta da seringa no modelo tradicional: com a figura do “patrão”, que era o seringalista, e com a exploração do trabalho no regime escravizante do “barracão”<sup>49</sup>. E a vida seguia seu rumo.

Depois, a Funai concedeu aos kaxinawás o direito de ocupação da área, eles ganharam autonomia e até hoje recolhem a seringa. Só que a seringa perdeu preço e mal compensa o trabalho de montar a péla<sup>50</sup>. Sua principal fonte de renda, mesmo, é a tecelagem, com a venda em Rio Branco de redes e capangas tecidas pelas mulheres.

O índio Raimundo nasceu no alto do Envira, neto do chefe da tribo na ocasião. Em Feijó, desde pequeno o menino ajudava o pai na coleta da seringa. Foi crescendo e adquirindo, entre os irmãos e primos da aldeia, uma liderança pela qual nunca lutou e que ele recebeu com naturalidade. Os mais moços sempre ouviam Raimundo nos jogos, nas disputas, nas dúvidas que tinham, antes de irem ao cacique. No fim, a palavra dele era sempre respeitada. Para o cacique, que percebia tudo sem ser notado, isso era bom.

Enquanto percorriam o seringal nas madrugadas frias, Raimundo e o pai conversavam o tempo todo – Raimundo gostava de ouvir as histórias que o pai contava, por sua vez ouvidas dos brancos. No seu imaginário, a “cidade” estava cheia de coisas para facilitar a vida da gente, e ele tinha uma vontade secreta de ir passear lá. Um dia, o pai “acabou-se” (o índio não usa “morreu” quando se refere a pessoas próximas



– diz, respeitosamente, “acabou-se”). Raimundo ficou com a mãe e sete irmãos menores para tomar conta.

Muito tempo depois disso, como acontecia de vez em quando, apareceu um branco na aldeia trazendo artigos da cidade para trocar por produtos da terra. Era o prefeito de Feijó. Pediu para levar com ele uma das irmãs de Rai-

mundo, então com dez anos, para ajudar nas coisas da casa. Os mais velhos da aldeia foram consultados, concordaram, e ela se foi. A menina cresceu, foi ficando, acabou indo morar em Porto Velho com a família do antigo prefeito.

Os laços familiares são muito fortes entre os indígenas. Quando se referem aos parentes, dizem *meu pai*, *meu irmão*, *meu tio*, pondo ênfase na posse, com incontido orgulho. Raimundo sentia muita saudade da *sua* irmã. E continuava com grande curiosidade de conhecer a cidade grande e experimentar a vida dos brancos, que inventaram a eletricidade e eram capazes de fazer coisas tão boas como uma geladeira.

Criou coragem. Falou na aldeia. Disse que queria dar um passeio na cidade e rever a irmã. Todos concordaram, e ele se foi para Porto Velho.

A cidade era bem mais bonita do que ele podia imaginar. Todas as casas com luzes, de noite, nas praças, até parecia dia claro. Reviu a irmã, decidiu continuar por ali. Mas logo vieram as surpresas. A terra tinha dono. *Toda* terra tinha dono. Ele não

tinha onde ficar... A cantina tinha tudo que ele precisava, mas era preciso *comprar e pagar*.

Aos poucos, Raimundo foi aprendendo o código dos brancos. Trabalhava no que podia: aqui fazia um roçado, ali cavava um poço, recebia algum dinheiro e com o dinheiro comprava comida. Encontrou um pedaço de terra abandonado, fez uma casinha coberta com papelão. E foi ficando. Com o tempo, veio a mulher, vieram filhos também. Se a vontade deles era ajudar o pai na cidade, não deu certo. Com eles, a vida ficou ainda mais difícil.

\*

O sonho de conseguir viver como os brancos já se dissipou. As saudades, agora, são da aldeia, dos seus parentes, dos ruídos e dos cheiros da floresta, da simplicidade de levar o que caçava e o que colhia para simplesmente depositar na cantina do cacique – e simplesmente apanhar o que estivesse precisando, fosse alimento, fosse ferramenta. Saudades da alegria que era abater uma caça grande, ou fazer uma boa pescaria, e dividir com os outros. Tudo assim, fraternal, comunitário, sem pagar e sem cobrar. Simples.

Raimundo e os seus só querem voltar, e ele tem vergonha. Porque voltar de mãos abanando será desonroso, será confissão de fracasso, será expor uma derrota.

Raimundo Caxinawá não se queixa. Só vive triste. Continua na sua casinha com teto de papelão, que divide com a mulher D. Francisca, na favela Areia Branca, em Porto Velho. Na cidade grande, com as luzes do seu sonho. Fazendo um servicinho aqui, outro ali. Recebendo trinta reais por um dia inteiro de trabalho, sem saber que um trabalhador branco recebe setenta, oitenta reais pelo mesmo serviço.

E a vida segue seu rumo.



Raimundo Caxinawá em Porto Velho



## As cidades da Amazônia não apenas crescem - incham

Em 50 anos, entre 1950 e 2000, a população do Brasil cresceu 220%. No mesmo período, a população da Amazônia cresceu acima de 400%. E a população urbana dentro da Amazônia cresceu 1.250%!

O importante crescimento da população na Amazônia foi decorrência natural do Plano de Valorização Econômica, que o Governo Federal implantou na década de 50 com a criação de institutos de pesquisa, aeroportos, bancos, redes de comunicação, incentivos e isenções fiscais para a região.

Já o aumento desordenado da população urbana dentro da Amazônia é resultado de duas condições absolutamente indesejadas: a expulsão de indígenas e colonos das terras que ocupam e a falta de condições para sobrevivência com dignidade nas áreas rurais. As grandes migrações dos colonos para as cidades começaram a ser percebidas na segunda metade da década de 60. Nos anos 70 se intensificaram, com o insucesso dos assentamentos de colonos feitos pelo INCRA, com a expansão do latifúndio para projetos agropecuários e com a contínua desvalorização da borracha. Os indígenas participaram dessa migração, quase todos pelos mesmos motivos: terras invadidas e o fim dos antigos seringais que, apesar de empregarem um tipo de trabalho semi-escravo, ainda davam alguma segurança de sobrevivência.

Hoje, 23% de toda a população indígena vivem nas cidades. Isso não faz sentido. As cidades não estão preparadas para acolher esses indígenas, e tem mais: a brusca imersão deles no meio chamado civilizado resulta num choque cultural que eles não conseguem absorver e que corrói suas personalidades.

A visão dos barcos cortando as águas plácidas dos rios e igarapés pode ser muito romântica – mas colonos e silvícolas querem saídas terrestres para escoar o produto do seu trabalho, querem eletricidade, querem escolas, querem atendimento médico.

*Não surpreende que eles superlotem as cidades, criando um problema para as administrações – e ficando longe de resolver seus próprios problemas.*



*Dos filhos deste solo és mãe gentil, Pátria amada, Brasil!*

## XIV – Em visita ao Souza Araújo

**D**urante muitos e muitos anos ouvi falar da Colônia Souza Araújo. Eu conhecia bem os Servos de Maria que transformaram o miserável ajuntamento de casebres numa Colônia digna e respeitada – mas nunca a havia visitado antes.

Estava indo agora, acompanhado por frei Heitor Turrini, da Ordem dos Servos de Maria, um dos que trabalharam na transformação. Enquanto seguíamos pela estradinha asfaltada, que hoje vai até a Colônia, frei Heitor me atualizava sobre ela. No fim da década de trinta, a hanseníase era o mais grave problema de saúde do então território do Acre. A desnutrição, o baixo nível sócio-econômico e a superpopulação doméstica eram diretamente responsáveis pela disseminação da doença, transmitida por contágio direto<sup>51</sup>.

Como lázaros bíblicos, os doentes eram discriminados, evitados, segregados. Quando o governo do Acre decidiu dar um abrigo para os pobres doentes, foi de propósito que se escolheu uma área longe de Rio Branco, no meio da mata virgem. Era a Colônia Souza Araújo, que os Servos de Maria encontraram quando chegaram no Brasil.

Fr. Heitor se comove, ao contar seus primeiros contatos com a Colônia: “Estava em Boca do Acre, eu mais o frei João na paróquia do frei Agostinho Poli. Estávamos na cozinha falando do mais e do menos, quando chegou um senhor amigo e disse: ‘Tem três meninos leprosos, aí, largados do lado de lá do rio Acre’. Então, frei João comigo, pegamos uma canoazinha e fomos até lá.

“O choque foi tremendo, porque eram apenas três crianças, uma de oito, uma de onze e uma de treze. Eram mais ou menos três horas da tarde e, esquecendo até as mãos deles sem os dedos, dois, outro os dedinhos mortificados, também os pezinhos nus estavam mortificados, aleijados, perguntamos: ‘Ó rapaziada, mas vocês hoje almoçaram?’. Eles disseram ‘não, não comemos’. E nós: ‘Mas de manhã tomaram um cafezinho?’. O mais velho disse: ‘Ontem de noite dividimos duas bananas em três’. Nós nos olhamos na cara, o frei João e eu, e decidimos voltar à casa do padre. ‘Frei Agostinho, aí a rapaziada não comeu nada!’. E voltamos levando um pouco de arroz, de feijão, dois ovos, assim.

“Começamos então a falar e contaram a história deles. ‘De onde vocês estão chegando?’. Disseram ‘Estamos chegando acima de Liberdade, no alto Purus’. Insistimos: ‘Mas como vocês andaram sozinhos até aqui?’. ‘Nosso pai morreu, depois foi a mãe. Ficamos com dois irmãos grandes, também doentes, mas eles disseram ‘vocês são pequeninhos vão embora, vão embora’. Nós não queríamos deixar eles sozinhos, então eles foram morar na casa do vizinho, pra não ficar sozinhos’.

“Falaram depois que os três entraram na canoazinha daquele jeito e começaram a viagem deles de bubuia<sup>52</sup>, ajudando-se um pouquinho nas curvas. Quando olharam atrás, viram que a casa estava em chamas. Os vizinhos tinham tocado fogo porque já tinha morrido muita gente doente lá. ‘Quanto tempo vocês gastaram para chegar até aqui?’, perguntamos. Eles responderam: ‘Faz nove dias que estamos na canoa;



Fr. Heitor

quando chegamos, encostamos e estamos aqui. Nós queremos chegar à colônia dos leprosos em Rio Branco, mas daqui o rio vai subindo e a gente não tem força pra remar na correnteza. A gente pediu carona pra algumas canoas que passavam, eles olhavam, ficavam sérios e diziam que não iam pra Rio Branco’.

“Aí, com o frei João Cardinale começamos a procurar uma embarcação que os levasse até Rio Branco. Passou o seu Manuel que aceitou. Pediu que a canoa dos meninos fosse amarrada na sua embarcação com uma corda e ele levaria a reboque. Arranjamos uma linha, amarramos a canoa ao batelão e aí se foram os três e com ele se foi também uma parte do nosso coração.

“Vimos eles lá na colônia tempos depois, mas posso dizer que o coração ficou grudado lá, na casinha onde encontramos os meninos, e alguns anos mais tarde os nossos bispos dom Julio Mattioli, dom Moacyr Grechi e dom Joaquin me suplicavam para fazer alguma coisa para dar aos hansenianos um lugar mais digno para morar. Assim se começou a fazer a primeira enfermaria e algumas casas de alvenaria para receber sete ou oito casos mais urgentes. Foi uma família, a de Cino del Duca, quem deu dez contos de réis, que naquele tempo era muito dinheiro, e foram construídas as primeiras casas, sonhando que, um dia, todas as barracas de lá seriam trocadas por casinhas de alvenaria.

“Mais tarde, o Amadeu Barbosa doou 200 hectares de selva bem perto da Colônia. Dom Giocondo e o Pe. Alberto Morini, com muita coragem, iniciaram as obras, a procuradoria das Missões em São Paulo foi levantando doações, um cruzeiro aqui, outro ali, raro que era cinco cruzeiros, mas assim foi.”

Ele estava emocionado, não falamos mais.

Chegamos na nova colônia, hoje o Hospital Souza Araújo, uma sucessão de moradias brancas, todas de alvenaria. Fomos entrando de casa em casa, era uma alegria só, porque as visitas são escassas e, por isso, muito bem-vindas. Pensei que fosse ficar constrangido. Que surpresa! Eles logo nos fazem esquecer suas deficiências. Conversamos, rimos, eles contaram “causos”, numa casa jogamos dominó, no fim fizemos a missa juntos. Foram quase quatro horas de tal intensidade emocional que, ao sairmos, me parecia ter passado uma semana inteira entre eles.



A situação da hanseníase na Amazônia mudou bastante, especialmente no Acre, onde era mais grave. O Governo concede um salário de aposentadoria para os doentes, a assistência médica é permanente, os remédios são todos gratuitos. Como a doença deixa de ser contagiosa logo nas primeiras doses do tratamento, muitos doentes voltam a viver com suas famílias.

Em torno da Colônia já surgiram dois bairros, o Bairro Santa Cecília com mais de 300 famílias, e a vila Albert Sampaio com mais umas 250 famílias. Na maioria, são ex-hansenianos que construíram suas casinhas e reconstruíram suas vidas através da aposentadoria e com a ajuda do Governo, de familiares e amigos.

O trabalho desenvolvido no Acre com os Servos de Maria, ou em Rondonia com os Salesianos, ou no rio Solimões com os Capuchinos, ou em tantas outras dioceses na Amazônia, é obra de heróis e inúmeros frades morreram jovens.

A Ordem dos Servos de Maria, há quase 90 anos no Brasil, realizou, com a Congregação das Servas de Maria Reparadoras<sup>53</sup>, com a Congregação das Servas de Maria de Galeazza<sup>54</sup> e com a Sociedade Educacional São José<sup>55</sup>, muitos trabalhos bonitos. Trabalhos como o Colégio Santa Juliana, em Sena Madureira – a mais antiga escola do Acre, construído em 1924 pelas Servas de Maria Reparadoras; como as 50 escolas levantadas pelo padre Paolino no meio da floresta; como a pastoral da saúde, o incentivo à medicina alternativa, a distribuição de remédios; como a intransigente defesa dos direitos de ribeirinhos e seringueiros, como a luta contra as drogas, a denúncia da devastação da floresta ou a cobrança de políticas sustentáveis... mas o Hospital Souza Araújo e o Hospital Santa Juliana em Rio Branco são as pérolas do serviço social dos Servos de Maria e da atual Diocese de Rio Branco.

fim

## Notas

- 1 São chamados *amazônidas* os habitantes da Amazônia, reservando-se *amazonenses* para designar os habitantes do estado Amazonas.
- 2 Os índigenas são os aborígenes – os habitantes primitivos da terra.
- 3 A Amazônia pertenceu à Espanha até a assinatura do Tratado de Tordesilhas, quando passou a ser colonizada pelos portugueses. A ocupação original foi feita pelos espanhóis, depois pelos portugueses, holandeses, franceses e ingleses.
- 4 Quilombolas: grupamentos originários dos quilombos, por sua vez grupamentos de negros fugidos durante a escravidão.
- 5 Os principais migrantes chegaram à Amazônia durante os ciclos da borracha, vindos do Nordeste.
- 6 Ribeirinhos: colonos que se estabelecem à margem dos rios vivendo da pesca e de uma agricultura de subsistência.
- 7 A Amazônia Legal brasileira é formada pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e grande parte dos estados de Maranhão e Mato Grosso.
- 8 Só para citar alguns: Ministério do Meio Ambiente, Banco da Amazônia, Conselho Indigenista Missionário, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Fundação Nacional do Índio, Fundo Nacional do Meio Ambiente, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Núcleo de Monitoramento Ambiental, Secretaria de Coordenação da Amazônia, Sistema de Bases Compartilhadas de Dados sobre a Amazônia
- 9 Igarapé: pequeno canal entre a margem do rio e uma ilha, ou entre duas ilhas.
- 10 Igapó: parte da floresta alagada durante a enchente do rio.
- 11 Piracema: o período de reprodução dos peixes. Eles se reúnem em grandes cardumes e nadam em busca da calha dos rios, lagoas e baías, onde ocorre o acasalamento. Na região de Roraima, a piracema – e a proibição da pesca – ocorre de março a junho.
- 12 Durante os meses das piracemas, os pescadores recebem o seguro-defeso, na forma de um salário mínimo.
- 13 A referência é feita às ações dos colonos que se uniam para enfrentar os fazendeiros e impedir o corte das árvores – dificultar, empatar a ação dos peões encarregados da derrubada.

- 14 Aquicultura: criação de peixes em tanques.
- 15 A província petrolífera de Urucu foi descoberta em 1986 e logo se constatou que produzia o petróleo de melhor qualidade do país. Dele são produzidos, hoje, derivados mais nobres, como diesel e nafta – de alto valor agregado.
- 16 Manauara: natural de Manaus.
- 17 Bioma: o conjunto de seres vivos de uma determinada área. O Brasil possui seis diferentes biomas: Floresta Amazônica, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Mata Atlântica e Zonas Costeiras.
- 18 Os katukinas são um povo de língua pano e vivem no Acre, em duas áreas demarcadas: na Terra Indígena do rio Gregório e na Terra Indígena do rio Campinas.
- 19 Os machineris, ou machineris, são um povo de língua aruak e vivem no Peru e no Acre. Deslocados pelos caucheiros peruanos e seringalistas brasileiros no período da borracha, os que vivem no Acre, hoje, estão concentrados na Terra Indígena Mamoadate e na Reserva Extrativista Chico Mendes.
- 20 O Ministério do Meio Ambiente está desenvolvendo o primeiro grande projeto de bioprospecção de medicamentos do Brasil. É justamente o Projeto Kampô, realizado com a participação de renomados organismos como o Incor - Instituto do Coração de São Paulo, as universidades federais do Amazonas, Acre, Ceará, Paraná e Brasília e a Unicamp - Universidade Estadual de Campinas, a partir da sabedoria indígena sobre as curas atribuídas ao sapo kampô.
- 21 Chamamos efeito estufa ao processo que mantém a temperatura da superfície da Terra em torno de 15° C pelo papel que gases minoritários da atmosfera (gás carbônico, metano, óxido nítrico, vapor d'água) desempenham ao absorver e reemitir radiação termal, dificultando a perda de calor para o espaço.
- 22 Os maiores responsáveis pelo efeito estufa são os países altamente industrializados. Um levantamento feito em 2000 sobre a poluição da atmosfera com CO<sub>2</sub> mostra que o mundo emitia, a cada ano, pouco mais de 37 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>. Desses, os EUA eram responsáveis por 6,9 bilhões, a China por 4,9 bilhões, a Comunidade Européia por 4,7 bilhões, a Rússia por 1,9 bilhões etc., e em oitavo lugar o Brasil, com 850 milhões de toneladas. A participação do Brasil era de apenas 2,5%, contra **20%** dos EUA, **15%** da China, **14%** da Comunidade Européia.
- 23 O mundo conta com outras quatro regiões florestais: na África, a mais significativa depois da Amazônia, no sudoeste da Ásia, na América Central e na Austrália – estas três relativamente bem menores.
- 24 O maior lago artificial do Brasil é Sobradinho, na Bahia, com 3.970 quilômetros quadrados. O terceiro é Balbina, com 2.360 quilômetros quadrados. O quarto maior é Serra da Mesa, em Goiás, com 1.784 quilômetros quadrados, vindo Itaipu em quinto lugar, com 1.350 quilômetros quadrados.
- 25 Watt é a unidade de medição do fluxo de energia elétrica. Um kW são mil watts e um MW são mil kW, ou um milhão de watts. Fica mais claro se dissermos que um MW é energia suficiente para acender simultaneamente dez mil lâmpadas de 100 watts.
- 26 Existem estudos demonstrando que, a longo prazo, o Brasil tem possibilidade de implantar acima de 1.500 pequenas centrais hidrelétricas com um potencial teórico de 15.000 MW – mais do que é gerado pela usina de Itaipu.
- 27 O garimpeiro não utiliza processos mais seguros para a separação do ouro, como retortas com circuitos fechados, porque saem bem mais caro que a simples adição do mercúrio.
- 28 Servos de Maria: ordem religiosa fundada em 1233 em Florença, Itália.
- 29 Veja mais sobre o padre Paolino no capítulo XI.
- 30 Desobriga: viagem periódica feita pelos religiosos a regiões desprovidas de assistência.
- 31 Os kulinas, de língua arawá, habitam o Peru e o Acre – aqui, às margens dos rios Juruá e Purus e seus afluentes.
- 32 Colocação: uma área do seringal onde a seringa é coletada. Nesta área, ficam a casa do seringueiro e as *estradas* de seringa. Um seringal possui várias colocações.
- 33 Os troncos das árvores abatidas são lançados no rio e viajam em comboio, amarrados uns aos outros.
- 34 Malhadeira: rede de pesca.
- 35 Combustol: óleo diesel, comprado na casa de aviamento, dentro do seringal. Essas casas oferecem tudo de que os seringueiros precisam, mas os preços da cidade são melhores e eles evitam comprar lá.
- 36 “Cortar” a seringueira significa fazer, no tronco, um corte inclinado e espetar na base uma canequinha para recolher o látex que será vertido.
- 37 Estrada: caminho que avança pela floresta contornando uma *faca* (lote) de cem, cento e cinquenta seringueiras.
- 38 No final de 1941, os países aliados viam reduzir-se perigosamente seus estoques de matérias-primas estratégicas, e nenhuma era mais crítica do que a borracha. Quando o Japão entrou na guerra, o fornecimento do produto da Malásia foi definitivamente bloqueado para o Ocidente e esse fato deu início no Brasil à chamada Batalha da Borracha, quando cerca de 60.000 trabalhadores foram recrutados às pressas no nordeste, num regime quase militar. Devido ao despreparo e às péssimas condições de trabalho, *cerca de metade* desse contingente desapareceu na selva amazônica. Expressivo notar que, ao mesmo tempo, o Brasil enviava 20.000 soldados para fazer a guerra na Itália. Apenas 454 não regressaram (e, hoje, estão sepultados com toda dignidade no Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro).

- 39 Paulistas: assim eram chamados genericamente todos os novos imigrantes que chegavam do sul, em busca de terras fartas e baratas.
- 40 A lei define manejo sustentável como “a administração da floresta para a obtenção de benefícios econômicos e sociais, respeitando-se os mecanismos de sustentação do ecossistema objeto do manejo, incluindo múltiplos produtos e subprodutos não-madeireiros, bem como a utilização de outros bens e serviços naturais da floresta”.
- 41 A Fazenda Esperança foi criada no início dos anos 80 por frei Hans Stapel, na cidade de Guaratinguetá, em São Paulo. O sucesso do tratamento levou à criação de novos centros, no Brasil e no exterior. Hoje, há no Brasil 21 centros masculinos e 9 femininos e 9 centros fora, um deles na Rússia. As duas unidades de Guaratinguetá, a masculina e a feminina, abrigam cerca de 300 dependentes de droga e álcool.
- 42 Dori: feitiço.
- 43 Regatão: barco que percorre os rios vendendo ou permutando mercadorias.
- 44 Camu-camu: pequena fruta vermelha. Possui mais vitamina C do que a acerola.
- 45 Tracajá: pequeno quelônio, parente da tartaruga marinha. Ameaçado de extinção, tem a caça proibida pelo IBAMA.
- 46 Toreiro: trabalhador que corta ou transporta toras de madeira.
- 47 Março de 2007.
- 48 O ciclo de corte para as árvores da área de manejo sustentável é de 25 a 30 anos. No entanto, através de datação feita com carbono 14, a engenheira agrônoma Simone Aparecida Vieira, da USP (citada pelo jornalista Altino Machado em seu blog), encontrou um cumaru ferro com 445 anos, uma catuaba rosa com 540 anos, um bálsamo com 542 anos, um angelim rajado com 572 anos, uma andiroba com 920 anos, uma castanheira com 1.050 anos – gigantes abatidos, jazendo inermes nos pátios de serrarias do Distrito Industrial de Rio Branco.
- 49 Os seringais ficam longe de tudo e de todos. Essa condição natural, mais a ambição dos seringalistas, gerou um sistema de trabalho cruel: o dono do seringal destina uma área (colocação) para, dali, o seringueiro extrair o látex, ou seringa, e lhe compra as pélas (grandes bolas feitas com a seringa defumada). Não paga com dinheiro, abre um “saldo” no “barracão” (armazém que pertence ao próprio seringalista). Proibido pelo seringalista de fazer até mesmo uma pequena horta, o seringueiro não tem outra alternativa senão comprar tudo no “barracão”, desde alimentos e ferramentas até utensílios, roupas, remédios e tudo o mais que precisar – a preços escorchantes. O seringueiro está sempre devendo.
- 50 Depois de colhido, o látex é defumado: aplicado em torno de um pau roliço que é girado lentamente sobre um fogo (o “forno”), formando a péla – grande bola de látex chegando a pesar 40 kg.
- 51 A hanseníase, no passado estigmatizada como lepra ou mal de lázaro, é uma doença infecto-contagiosa de evolução clínica lenta, com um período de incubação de dois a sete anos. As

crianças são mais suscetíveis de serem infectadas, mas hoje o tratamento é simples e leva menos de um ano. O Brasil realiza um trabalho muito sério de combate à hanseníase. No Acre, por exemplo, vinte anos atrás a taxa era de 112 incidências por 10.000 habitantes. Hoje, está em menos de 5 casos por 10.000 habitantes. Os Postos de Saúde entregam os medicamentos de graça aos pacientes, que são acompanhados clinicamente durante todo o tratamento.

- 52 “de bubuia”: levado pelas águas, ao sabor da correnteza.
- 53 Servas de Maria Reparadoras: congregação fundada em 1900 em Vidor, Itália. Vieram em missão para o Acre em 1921.
- 54 Servas de Maria de Galeazza: congregação fundada em 1862 em Galeazza, Itália. Vieram em missão para o Acre em 1972.
- 55 Todo o trabalho assistencial clínico, psicológico e social aos hansenianos é desenvolvido, no Acre, há mais de quatro décadas pelas irmãs josefinas. Elas respondem, hoje, pelo Hospital Souza Araújo, com pacientes atendidos em caráter de internação e pacientes atendidos de forma ambulatorial.

# Créditos Fotográficos

Todas as fotos foram graciousamente cedidas por seus autores, a quem renovamos nossos agradecimentos.

Araquém Alcântara: págs. 11, 22, 27(inset), 41(inset), 53(inset inf) e 54.

Bruno Camelier: pág. 78.

Bruno Filizola: pág. 17.

Bruno Giovanetti: capa, págs. 13(sup), 20, 40(inset), 40-41, 51, 53, 55, 59(sup), 60, 64, 65, 70, 73, 74, 75(esq meio, dir sup e dir meio), 76, 81(sup), 87(inf), 89(meio e dir), 90, 92 e 93.

Cláudio Avallone: 13(inf. e inset), 14, 15, 28, 31, 33(sup e esq inf), 34, 36, 38, 59(inf), 75(dir inf), 81(inset), 86(esq sup), 88 e 89(esq).

Dino Tanoni: 50, 81(inf) e 83.

Fred Schiffer: 25, 27(sup) e 62.

Itamar Zanin: 48 e 49.

João Luiz da Veiga Simão: 86(inf).

João Luiz Bulcão: 66.

Leonardo Panatto: 33(dir inf).

Márcio Salvaro: 57, 75(esq sup e esq inf).

Mônica Barroso: 27(inf).

Nonato Oliveira: 19, 29, 35, 67, 69 e 71.

Ronaldo Salame: 19(inset) e 85.

Silvestre Silva: 21, 42, 43, 46, 53(inset sup), 86-87(sup meio) e 87(dir sup).

(Entre parênteses, indicada a posição da foto: inset=sobreposta a outra foto; meio=entre fotos; esq=à esquerda da página; dir=à direita da página; sup=superior na página; inf=inferior na página.)